3 1761 07046354 2

Vidoeira, Pedro
Lyrica popular

PQ
9261
V473L9

PEDRO VIDOEIRA

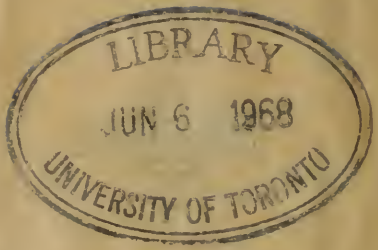
Lyrica Popular

Com uma carta do eminente poeta

JOÃO DE DEUS

JOSÉ BASTOS, EDITOR
ANTIGA CASA BERTRAND
73, Rua Garrett (Chiado) 75, Lisboa
1895

FiQ
9261
V475L



Typ. da Comp. Nacional Editora

Ao Ex.mo Sr. Dr. João de Deus

Meu illustre e preclaro poeta

Consinta que n'estas linhas lhe dedique a presente *Lyrica* — fructo de algumas horas de ocio e de uma desculpavel tendencia para distracções inoffensivas.

E' sem valor a offerta, como despretencioso o trabalho que a ella deu origem.

Os que possuem muito de sua casa, como o glorioso auctor do *Campo de flores,* não precisam que os pobres lhes venham lançar joias no regaço. Mas são tambem os ricos, d'essa grande riqueza chamada inspiração, aquelles que nunca deixam de receber benevolos quem á porta lhes bate a pedir hospitalidade.

Não extranhe pois que, n'um sentimento de respeitosa deferencia, me atreva a offerecer-lhe um livro, cuja publicação só poderá correr mundo, amparada pelo prestigio do seu nome.

Despretencioso trabalho chamo eu á minha *Lyrica;* e creia, meu caro João de Deus, que não pretendo, n'uma designação de falsa modestia, dissimular latentes e insoffridas vaidades de trovador.

Intentei n'esse trabalho imitar o lyrismo popular que, pela sua espontanea simplicidade, tão de molde é feito para suggestivamente prender e captivar sympathias.

Foi n'esse lyrismo de singellos versos, em que se costuma dizer

tudo que se sente e sentir tudo que se diz, que eu busquei estudar e reproduzir as diversas impressões do povo.

O proposito, por accessivel, não deixava de offerecer seus embaraços. Em poesia, a simplicidade torna-se tanto mais esquiva, quanto menos ella tem a soccorrel-a a grandeza das imagens e as pompas do estylo.

Sendo a poesia popular tudo que ha de mais natural, por feliz me julgarei se, de longe em longe, as minhas quadras fizerem lembrar o modelo que me propuz seguir.

E era de tentar o modelo.

Se as estrophes levantadas dos poetas arrebatam e commovem, os cantares ingenuos da multidão attraem e encantam; visto como é n'esses cantares que, desde tempos remotissimos, espalha o povo a plenas mãos os thesoiros da sua alma.

Porque, aos thesoiros da alma do povo, junta o meu caro João de Deus os primores do seu altissimo espirito; porque do sentir do povo foram sempre os seus dulcissimos versos a mais nitida e fiel interpretação, é que eu ouso invocar toda a sua indulgencia em favor da minha *Lyrica*.

Se ella nada vale por si, que lhe sirva de apresentação o seu amoravel acolhimento.

De resto, um poeta que tem levado a vida a cantar as flores, não deixará de ser benigno com as que deponho a seus pés, só porque ellas, obscuras e modestas, não recendem aromas.

São por indole generosos os poetas de coração.

Que a sua generosidade releve o meu arrojo.

Com a mais subida consideração, me subscrevo do meu caro João de Deus,

Admirador respeitoso e amigo reconhecidissimo

PEDRO VIDOEIRA.

Meu querido Vidoeira

Deixo as prodigalidades da sua carta (que eu desejo que omitta ou desbaste na edição) e vou aos versos.

Depois de uma lucta de hora e meia para me poder levantar da cama e chegar a respirar melhor ou menos mal, não se está muito disposto a consignar impressões estheticas; mas sempre lhe direi alguma coisa; isto é, vou-lhe dizer o que uma vez me disse o Sampaio da *Revolução*.

Mas antes d'isso um facto, que não vem nada ao caso, mas que tambem me lembra (e nunca me esquecerá).

Um dia, veiu estar commigo um velho amigo meu chorar-se da situação em que estava, pelo senhorio lhe ter dádo a elle e á familia ordem de despejo, irrevogavel, a não pagar a libra que devia.

Pegou-se-me a angustia a mim como fogo á estopa, e lancei os olhos pelo curto horisonte dos meus conhecimentos. Vejo o Sampaio; era natural pelo volume phisico e moral. Escrevo-lhe pedindo uma libra. Sampaio mandou-me 5$000 em oiro, dizendo-me:

— E' o dinheiro que tenho; não falemos mais n'isso.

Mas o que vem a proposito é outra coisa. Disse-me elle um dia:

— Eu gosto do João, porque tem talento e alma; porque o talento, sem alma, é um brilhante flagello.

Estas palavras nunca mais me esqueceram, e talvez não tanto por me serem lisonjeiras, como pelo seu conceito e forma.

Aqui a alma é o coração, o sentimento, a bondade, o amor.

Ora pois; trago isto a proposito para lhe dizer que o meu amigo tem talento e alma; e se o que o Sampaio me disse tem algum fundamento, nós somos dois irmãos!

A quadra popular, a cantiga, essa flor da alma do povo, tem dente de coelho; é na sua pequenez um poema; a sua lucidez, a transparencia, ha de ser como a da agua das fontes, e ha de ter muita intenção ou muita graça.

O Vidoeira tem centos d'ellas admiraveis, que hão de ficar, e o que é eterno, é bello.

Acceite os meus agradecimentos e parabens do coração.

S. C. 2—6—95.

João de Deus.

Amores, queixumes e desenganos

I

Se em meus olhos por favor
Teus olhos se fitam bem,
Os meus ficam a brilhar
Com a luz que dos teus vem.

Os teus olhos verde-mar
Qual o mar são deseguaes;
Promettem hoje bonança,
Dão ámanhã temporaes.

Andorinha, vôa, vôa,
Perde as pennas a voar,
Que eu na minha soledade
Guardo as penas p'ra chorar.

Eu, ao ver Nossa Senhora,
Que de mãos postas sorri,
Salvo o devido respeito,
Julgo estar a ver-te a ti.

Nasceste e has de morrer
Com a manha da mentira.
O que o berço dá, menina,
Sómente a cova é que o tira.

Choro lagrimas sem fim
Com saudades do meu bem,
E, das lagrimas que eu choro,
Saudades nascem tambem.

Quando já depois da morte
Meu corpo esteja desfeito,
Ha de achar-se o teu retrato
Onde existiu o meu peito.

N'um cofre todo de prata
Guardei a minha ventura,
Por cautela puz ao cofre
De segredo a fechadura.

Canta alegre o pintasilgo
Dobrando a sua cantiga:
Só eu não canto, que a dôr
E' do prazer inimiga.

A côr azul de teus olhos
Não tem parceira em valor;
Até o céo anda a querer
D'esse azul roubar a côr.

Teus lindos e verdes olhos
São duas grandes mentiras;
Que o verde é côr da esperança,
E tu esperanças me tiras.

Já que estou doido varrido
Por teus olhos matadores,
Vae dizer-lhes que me matem
E acabem com minhas dôres.

Perguntam porque é que eu choro,
Porque é que eu hei de chorar?
Choro ao ver-me despresado
Por quem só quizera amar.

Ouvi dizer que os christãos
Morriam d'antes nas chammas;
Eu morro mais infeliz,
Porque sei que me não amas.

O mar, de grande que elle é,
A todos causa extranheza.
Meu amor eguala o mar,
Ninguem lhe mede a grandeza.

Trago-te aqui, meu amor,
Um raminho de alecrim;
Serve alecrim de lembrança;
Lembra-te sempre de mim.

Se muito gosto de ver-te
Quando saes com tua avó,
Mais gostaria, menina,
Se te visse sahir só.

Quando o peixe cae na rede,
Vae n'ella a morte encontrar
Eu cahi tambem n'uns laços
Que a vida me hão de custar.

Teu coração é de gelo
E diz que tu não me queres.
Ai! coração que não vês
Meu coração quanto feres!

Tu és como a tangerina
Que o sol doira de madura:
Por fóra — toda cheirosa,
Por dentro — toda doçura.

Visto esqueceres o amor
Que já me tinhas jurado,
Não jures ainda por elle,
Que o jurar falso é peccado.

Se ámanhã fizer bom tempo,
Vem ella ver-me com a irmã.
Ó meu rico pae do Céo!
Não mandes chuva ámanhã!

Por causa dos teu encantos
Ando tão cheio de zelos,
Que até me zango, se o vento
Chega a roçar-te os cabellos.

Menina, por eu ser pobre,
Não me negues amizade;
Dar aos pobres é virtude,
É obra de caridade.

Queimei por ti alcachofras
Em noite de S. João:
Nenhuma d'ellas floriu....
É fresca a tua affeição.

Se na branca areia morrem
As verdes ondas do mar,
Ao pé da tua indifferença
Morre aquelle que te amar.

Os teus olhos feiticeiros
Decidem da minha sorte;
Se me buscam, dão-me a vida,
Se me fogem, dão-me a morte.

Se a minha amada fugisse
Por essas aguas do mar,
Eu seguiria atraz d'ella,
A nadar, sempre a nadar.

Flores tu tens á janella
De muito bonitas cores,
Mas, se á janella tu chegas,
Mais ninguem dá pelas flores.

Quando tu, morta de sêde,
Na fonte a sêde matasses,
Eu quizera ser o cantaro
Que então á bocca levasses.

A ginja trava na bocca,
Não é dôce como o figo;
A ginja, por ser azeda,
Bem se parece comtigo.

Por muito que te estimei,
Nunca vi os teus enganos.
Terás a paga a seu tempo:
Largos dias tem cem annos.

Conservo os beiços fechados;
Furtou-lhes risos a dor;
Só podem agora abril-os
Os beijos do meu amor.

Se tu, estrella na terra,
Fosses o céo habitar,
Nas azas do meu amor
Ao céo te iria arrancar.

Trazes um cravo escarlate
Que te fica muito bem,
Mas o coral dos teus beiços
Mais viva a côr inda tem.

Se barras de oiro me dessem
Para não tornar a ver-te,
Perdel-as antes quizera,
Que ter de vir a perder-te.

Por teu pézinho, meu bem,
Lindo pézinho sem par,
Quantos padres dos mais sérios
Dariam seu pé de altar!

Menina dos meus agrados,
Porque trazes tantas rosas?
Deixa as flores para as feias,
São já flores as formosas.

Demorei-me á tua espera
Raladinho de ciume,
E tu faltaste, conforme
É teu louvavel costume.

Se voltar um dia rico
D'essas terras dos Brazis,
Cubro-te o collo de perolas.
Calço-te os pés de rubís.

A terra cheia de flores
Annuncia grande gala.
Sale a terra que não tardam
Teus pézinhos a pisal-a.

Ia a saltar a fogueira,
Escorreguei e cahi.
Pudera! se eu tinha os olhos
Ambos pegados em ti!

Quem quizer ganhar alviçaras,
Livre-me a mim de paixões;
Que eu trago o peito rasgado
Por negras ingratidões.

Tenho um menino Jesus,
Vestidinho de setim,
A quem peço a toda a hora
Que tu só gostes de mim.

Se te visse a ti cercada
De chammas por toda a parte,
Iria lançar-me ás chammas,
Para das chammas livrar-te.

Tu, falando, és tão alegre
Como o sol quando amanhece;
Nem um canario a cantar
Com a tua voz se parece.

Senti barulho no peito,
Fui a ver, o que vi eu?
Meu coração a pôr azas
Para voar para o teu.

Fui confiar meus segredos
A quem não soube estimal-os.
Agora, mais cauteloso,
Hei de no peito guardal-os.

Quando o sol vae a sumir-se
Nas ondas do alto mar,
Fica-me a luz dos teus olhos
Para cá me allumiar.

As creanças mentirosas
Levam na lingua pimenta.
Tu tambem d'esse castigo
Não devias ser isenta.

Que lindos pingos de prata
Que á noite brillam no céo!
Quem pudera, meu amor,
Com elles bordar-te um véo!

De vagar se vae ao longe,
De vagar tudo se faz.
Com vagar hei de eu vencer
Os desdens que tu me dás.

Não caçôes do meu amor
Que o teu amor não soccorre.
Não caçôes, que n'este mundo
Quem caçôa tambem morre.

São meus olhos duas fontes
Que estão mesmo a transbordar.
Se algum bem inda me queres,
Ai! vem as fontes seccar!

Busquei um dia sombrio,
Um dia triste e agreste,
Para enterrar minhas dores
Nas raizes de um cipreste.

Se ella de manso no chão
Vai os pézinhos roçando,
O chão fica derretido,
E eu fico o chão invejando.

Quando o sol rompe no céo,
Morre a propria lua cheia,
Mas a luz do teu olhar
A luz do sol não receia.

Pedem a Deus as estrellas
Uma coisa muito justa:
Pedem a luz dos teus olhos
P'ra brilhar á tua custa.

Quando eu fôr comtigo um dia
N'uma barquinha a remar,
Da verde côr de teus olhos
Terá ciumes o mar.

Se eu fosse dado á escripta.
Se penna de oiro tivesse,
Ninguem de ti poderia
Dizer mais do que eu dissesse.

Eu jurei aos juncos verdes,
Aos verdes juncos jurei,
Que, se tu minha não fores,
Eu de outra nunca serei.

São tão doces tuas falas
Ao meu ouvido fiel,
Que eu julgo serem taes falas
Feitas de assucar e mel.

O olhar volve, minha ingrata,
Para mim compadecida:
Já que o teu desdem me mata,
Que o teu olhar me dê vida.

Quando estou pensando em ti,
Não sinto a minha amargura;
Pensar no bem que se estima
É como ter a ventura.

Os gelos do frio inverno
Derrete-os o sol do verão;
Mas não ha sol que derreta
Gelos do teu coração.

Na mortalha do meu peito
Meus desgostos escondi;
Não quero que ninguem saiba
Quanto padeço por ti.

Esta carta á minha ingrata
Vae escripta n'um papel
Que é de folhas de saudade
Com tinta feita de fel.

Com essa linda carinha
E o brilho do teu olhar,
Serias até capaz
De um morto resuscitar.

As ruas por onde passas
Ficam logo tão cheirosas,
Que nem que fosses, menina,
Roseira cheia de rosas.

Para dizer por escripto
Quanto minha alma te é grata,
Precisava penna de oiro
E papel feito de prata.

Tenho a tua sympathia
Sem ter inda o teu carinho;
Já que o unguento me déste,
Dá-me tambem o trapinho.

Não te mostres zangadinha
Por deixar de te apparecer;
É que andei buscando flores
Para t'as vir offerecer.

D'ella vivendo afastado,
Eu não vivo d'ella ausente,
Porque trago a sua imagem
Sempre gravada na mente.

Sempre que vaes ao mercado
A vender as tuas flores,
Perdem ellas, por perder-te,
As suas viçosas côres.

Se me tapassem os olhos
A ponto de não ver nada,
Ia dizer pelo tacto
Onde estava a minha amada.

Domingo chega o meu bem,
Ai! Deus me traga esse dia...
Que longe do bem que adoro
Não posso ter alegria.

Tu dizes, minha morena,
Que nos homens não tens fé.
Pois acceita o meu amor,
Verás que firme que elle é.

O meu destino quizera
Que estivesse em tuas mãos.
Nossos destinos, quem dera
Que fossem ambos irmãos!

Puz n'um fino almofariz
De cravos mais de um milheiro:
Todos elles bem pisados
Não me deram o teu cheiro.

De tal modo me prendeste
Com tuas lindas maneiras,
Que, tanto como eu te quero,
Desejo que tu me queiras.

Não sei dizer d'esses olhos
Qual o poder que elles tem.
Sei que ao poder d'esses olhos,
Ai! não resiste ninguem.

Ó meu lindo amor perfeito!
Ó minha querida flor!
Sê tu lindo amor perfeito,
Que eu serei perfeito amor.

Se a rola, sendo avezinha,
Faz sentir os seus queixumes,
Que farei eu que por ti
Padeço tantos ciumes!

Menina dos meus peccados,
Tenha dó d'este infeliz!
Sempre a dizer que me quer,
E a faltar sempre ao que diz!

De tal maneira desbancas
A doce luz do luar,
Que anda a lua já com medo
Que lhe roubes o logar.

Tens uma culpa, menina,
Que pede serio castigo.
És muito dada com todos,
Arisca só és commigo.

Se qualquer moça te mira
Da cabeça até os pés,
Morde-se a moça de inveja
Por não ser como tu és.

Lá para as bandas da costa
Solta gemidos o mar,
E eu gemo por não saber
Como é que te hei de agradar.

Teus olhos são de velludo,
Tua pelle é de setim:
Mercador d'esses tecidos
Quem me dera ser a mim!

Chegada a hora de ver-te,
Que pesar se te não vejo!
Tanto pesar em não ver-te,
Como é de ver-te o desejo.

Se a dôr pudesse matar
Quem soffre por seus amores,
Teria ha muito morrido
Por tanto excesso de dôres.

Tu fizeste opposição
Quando agradar-te busquei,
E agora dizer não podes:
D'esta agua não beberei.

Horas passadas comtigo
São instantes para mim;
Horas passadas sem ver-te
Parecem-me annos sem fim.

Passo as noites sem dormir
A pensar no que te ouvi.
Se adormeço de manhã,
Falam-me os sonhos de ti.

Ó linda rosa de maio!
Ó minha querida flor!
Quem pudera sempre, ó rosa!
Conservar-te o cheiro e a côr.

Uma carta me escreveste
Cheia de tanta doçura,
Que eu guardo em cofre essa carta
Como sagrada escriptura.

Affirmas que o teu amor
Ha de tornar-me feliz.
Duvido — que o teu amor
Já não vale uma de *x*.

De dar-te a fio mil beijos
Talvez ficasse cansado;
Mas de certo não ficava
De te beijar saciado.

Não vás pôr em almoeda
Teus affectos inconstantes,
Que, por serem conhecidos,
Não terão arrematantes.

Tu brilhas mais que as estrellas
D'esses espaços sem fim.
Estrellas brilham de longe,
Tu brilhas perto de mim.

Corro cheio de alegria
Ao encontro do meu bem,
Passo as horas a esperal-o,
E por fim elle não vem!

Deus queira que todo aquelle
Que o meu bem tente roubar,
Perca a vista, quando o vir,
Perca a voz, se lhe falar.

Não vivo longe de ti,
Só vivo quando te vejo;
Mal de ti eu me despeço,
Tornar a ver-te desejo.

O pardal é passarinho
Muito inconstante em amar;
Tu tambem, como o pardal,
Só gostas de variar.

Os passarinhos cantando
Voéjam de ramo em ramo.
Eu não canto, choro só
Com saudades de quem amo.

Se na rua, quando saes,
Algum moço te detém,
Fico zangado ao lembrar-me
Que é mais um que te quer bem.

Os teus cabellos tão negros
A vista me deixam baça;
Os teus cabellos são tantos
Que nem o sol os traspassa.

Longe de ti, nem eu sei
Para que serve olhos ter;
Junto de ti, são meus olhos
Pequenos para te ver.

O mar, que tem tanto fundo,
Em tanto fundo que tem,
Não apresenta uma perola
Que seja egual ao meu bem.

Ao bater o sol de chapa
No teu olhar tentador,
Não são teus olhos que turvam,
É o sol que perde a côr.

Se para o céo vae direito
Quem n'este mundo fez bem.
Por te haver deitado ao mundo,
Lá deve estar tua mãe.

Em quanto espero por ti,
Trago os minutos contados;
Chegas tu, abre-se o céo.
Acabaram-se os cuidados.

Pelas rosas mais os cravos
Tenho eu grande estimação;
Pois que, no cheiro e nas côres
De ti lembrança me dão.

Se, vencida pelo somno,
Teus olhos deixas fechar,
Folgam no céo as estrellas
Por já poderem brilhar.

Não creio que o teu amor
Seja o que dizes que elle é.
Quanto mais ando em edade,
Mais desando em boa fé.

Joanna é moça bonita.
Não lhe fica atraz Maria;
Se m'as dessem á escolha,
Eu ambas escolheria.

Se á noite sonho comtigo,
É tal a força do sonho,
Que, já depois de accordado,
Estar a ver-te supponho.

A paixão que por ti sinto
Occupa tanto logar.
Que só me serve a memoria
Para de ti me lembrar.

As lindas rosas vermelhas
Que trazes nos teus cabellos,
Vendo as rosas do teu rosto,
Desbotam cheias de zelos.

Sempre commigo insensivel,
Do meu soffrer não tens pena!
Os teus olhos se choraram,
Foi só em quanto pequena.

Quem pudera em cofre de oiro
Tuas lagrimas guardar!
Para com ellas fazer
Um bello e fino collar.

O' nuvens! cobri-me o sol!
Que, indo o meu bem a passar,
Para a terra encher de luz,
Basta a luz do seu olhar.

Quem não queira perder tempo,
Vá bater-te no ferrolho,
Que é guisado o teu amor
Que serve com todo o molho.

Os tigres são carniceiros —
Que manso não ha um só.
Como os tigres, tu, cruel,
Meu peito rasgas sem dó.

Quando ella sae a passeio,
Em signal do meu carinho,
Quizera vestir-lhe as ruas
De alfazema e rosmaninho.

Ai! pudesse o meu desvelo
Merecer-te algum apreço!
Que, morto por merecer-te,
Sei bem que não te mereço.

Por mais que um beijo te peça,
Tu sempre m'o tens negado!
Não sejas assim, menina,
Que um beijo não é peccado.

Todas as aguas do rio
Vão fundir-se nas do mar.
Só, tu, ingrata, não queres
No meu fundir teu olhar.

Emquanto foste innocente,
Nunca fiz caso de ti:
Agora, que te perdeste,
Por teu amor me perdi.

Se as chuvas da trovoada
Augmentam do rio as aguas,
Tambem tu com teus desdens
Augmentas as minhas magoas.

Vendo bonitos collares
De bonitas contas de aço.
O' moças! vinde compral-os:
Cada collar um abraço.

Já que te vaes e me deixas
Com minhas magoas a sós.
Dá-me nas azas do vento
Noticias da tua voz.

Diz o proverbio que a Roma
Todo o caminho vae dar;
Mas para o teu coração
Não sei eu caminho achar.

Para guardar minhas penas
Tinha um cofre reservado.
Tantas penas lá guardei,
Que está o cofre atulhado.

Um collar de oiro te dera
Se eu t'o pudesse comprar —
Para o supprir, de meus braços
Vou-te fazer um collar.

O teu seio é manjar branco
De saboroso recheio.
Ai! que pena que eu não seja
O dono d'esse teu seio!

O teu seio delicado
É monte de neve pura:
Monte, por ser elevado;
De neve, pela brancura.

Não ha cintura que eguale
A cintura do meu bem,
Nem pézinho mais pequeno
Que o pézinho que elle tem.

Que tristes foram os dias
Que passei sem te falar!
Foram dias de finados
Com sinos sempre a dobrar.

A tua cara tão linda
Quem m'a dera para mim!
A tua cara, menina,
De branca lembra um jasmim.

O fogo d'esses teus olhos
É fogo que não destroe,
Que, por mais que elle me queime,
O seu queimar não me doe.

Não digo falas bonitas,
Que eu não sei falar com arte;
Digo só que não existe
Quem mais do que eu saiba amar-te.

Se os pézinhos das chinezas
Não cabem dentro da mão,
Os teus pézinhos, amor,
Inda mais pequenos são.

Para os gelos derreter
De qualquer serra nevada,
Basta o fogo que destillam
Os olhos da minha amada.

O meu caro e doce bem
Ha tanto me traz captivo,
Que morro quando o não vejo,
Que só a vel-o é que vivo.

Tu tens culpas no cartorio,
E culpas de gravidade,
Que o coração me prendeste
Sem d'elle teres piedade.

Dês que perdi teus agrados
Não tenho mais que perder;
Porque perdi teus agrados,
Melhor me fôra morrer.

A doce luz de teus olhos
Lembra um sol de primavera;
Aquecer-me a luz tão doce,
Ai! meu amor, quem me dera!

Chegou o triste momento
D'esta nossa despedida!
Tu vaes partir e, partindo,
Deixas minha alma partida.

Não sei que encantos tu tens,
Que perfeições são as tuas...
Sei que, sempre que tu saes,
Ha reboliço nas ruas.

Por duas negras amoras
Podem teus olhos passar;
Por ser guloso de amoras,
Deixa-me os olhos provar.

Tranças e pé de tentar,
Bocca e olhos de morrer,
Figura e cara bonitas —
Que mais havias de querer?

São teus olhos um enigma
Que não chego a decifrar;
Pois queimam sem me doer,
E matam sem me matar.

Se alguma vespa te morde
Essa boquinha rosada,
Eu sinto mais que tu mesma
A dôr de tal ferroada.

Hoje dizes mal de mim,
D'antes muito bem dizias.
Se outra vez eu te quizesse,
A dizer bem tornarias.

Taes promessas me fizeste
Quando cahi em te amar,
Que as promessas não suppuz
Feitas de espuma do mar.

Já quebrei lanças por ti,
Agora, frio de neve,
Choro o tempo que perdi
Com cabecinha tão leve.

São tuas finas orelhas
Tão pequenas, meu amor,
Que espaço n'ellas não acho
Para um beijo lá ir pôr.

Fôste inconstante em pequena,
Inconstante em mulher feita;
Quem torto nasce, morena,
Tarde ou nunca se endireita.

Vi-te aos pés do confessor
Com cara de contricção...
Remorsos por me tratares
Com tamanha ingratidão.

Meus olhos teriam gasto
Já de todo a minha amada,
Se ella pudesse gastar-se
De ser por mim tão olhada.

Se o pé mostrar-me não queres.
Quando o vestido arregaças,
Fosquinhas, para escondel-o,
Com tuas saias não faças.

Teu olhar macio e doce
Parece um favo de mel;
Mas para mim, deshumana,
Teu olhar destilla fel.

Quando eu a vejo apanhando
Flores da sua janella,
Quem me dera a mim ser flor
Apanhada por mãos d'ella!

Segredou-me o coração
Que o meu bem é coisa rara.
Os olhos do coração
Vêem melhor que os da cara.

Tu, que és falsa de nascença
E vives para mentir,
Só deixarás de ser falsa
Quando deixes de existir.

A' janella do meu quarto
Conservo um lindo craveiro,
Que rego todas as noites
Por ter, meu anjo, o teu cheiro.

No bilhete que te mando,
De saudades todo feito,
Foram lagrimas a tinta,
Penna — as penas do meu peito.

Já não sei como entender-te,
Entender-te é um segredo;
E's hoje torrão de assucar,
Amanhã limão azedo.

Quando soltas pelos hombros
Esses teus negros cabellos,
A noite — e mais é a noite,
Da côr d'elles mostra zelos.

Minha amada é instruida,
Sabe ler, sabe escrever;
Mas na cartilha do amor
Tem commigo que apprender.

D'ella me quero queixar,
E não sei como queixar-me;
Pois que, má, finge ser boa,
Para poder desarmar-me.

No jardim das minhas penas
Colhi suspiros e ais,
Que vou mandar de presente
A uns amores desleaes.

Tua bocca pequenina
Cheira melhor que jasmins;
Cheiro egual ao d'essa bocca
Nem nos mais bellos jardins.

Duvidei do teu amor,
Mas tu decerto perdôas.
Esquecer offensas graves
E' proprio das almas boas.

Se commigo és orgulhosa,
O meu melindre me feres;
Se com meiguice me tratas,
Fazes de mim o que queres.

Não tem o céo uma nuvem,
Só meu peito nuvens tem:
Tem as nuvens da saudade
Pela ausencia do seu bem.

Se, estando a ver-te, não posso
Ouvir-te a voz afinada,
Que de coisas tua bocca
Chega a dizer-me calada!

Se de novo acreditar
No que dizes, embusteira,
Eu perca a luz d'estes olhos,
Cego eu fique a vida inteira!

A todas as grandes dores
A da morte se avantaja;
Mas, como a dôr de perder-te,
Não creio que outra dôr haja.

Não me affrontas em dizer
Que tens tenção de deixar-me.
Só quando tu me deixares,
Deixarás tu de enganar-me.

O meu amor vive ao pé
De um viçoso jasmineiro;
Ninguem differença um do outro,
Ambos têm o mesmo cheiro.

Eu já conto como um bem
Ver-te de longe sómente;
Mas, se te vejo de perto,
Fico doido de contente.

Mal se esconde o sol á tarde,
Tu vaes-te logo esconder.
Ausente o sol e mais tu,
Dois soes eu deixo de ver.

Quizera ser como o vento
Que passa por toda a parte;
Se o vento eu fosse, estaria
Sempre o cabello a beijar-te.

Filho sou de paes christãos,
Nunca pequei por atheu;
Mas por ti, minha morena,
Fazia-me até judeu.

A boquinha do meu bem
E' thesoiro sem egual:
Tem dentes de finas perolas,
Beiços de fino coral.

Foi minha vida um rosal
Emquanto affectos me déste;
Hoje, que affectos me negas,
E' minha vida um cipreste.

Quando o sol vae surrateiro
O teu quarto alluniar,
Fico invejoso do sol
Que, onde eu não vou, pode entrar.

Quizera um anno de vida
Perder comtigo a peccar;
E depois d'esse, mais outros,
Podendo continuar.

A tua mão esmoler
A' minha unil-a não deixas.
Abres a mão para todos,
Só para mim tu a fechas!

Quanto mais deixo de ver-te,
Quanto mais de ti me ausento,
Mais da tua doce imagem
Trago cheio o pensamento.

Boccas de fogo dão morte,
Travada a guerra que seja.
Bocca de fogo é a tua,
Que dá vida se me beija.

Vaes tão depressa, meu bem,
Quando segues teu caminho,
Que eu cuido serem teus pés
Azas de algum passarinho.

Pelo fundo de uma agulha
Enfiar-me andas a querer.
Se tu és fina, eu sou grosso
Para em tal fundo caber.

Sempre que eu sonho comtigo
Creio que estás a meu lado;
Que, estai sonhando comtigo,
É como ver-te acordado.

Ai! pomba, doce pombinha,
Aos meus desgostos põe fim.
Dá-me o teu amor, pombinha,
Abre as azas para mim.

Quando já morto me forem
Na fria campa enterrar,
Talvez que, vindo tu ver-me,
Á vida eu possa voltar.

Deus, que em tudo tem poder,
Deus, que é grande em toda a parte,
Não póde — todo poderoso —
Fazer que eu deixe de amar-te.

O' aguas do mar salgado!
Que os meus olhos vos não vejam,
Pois me levaes para longe
Quem os meus olhos desejam.

És avarenta e não torno
Com esta palavra atraz,
Porque sempre regateias
Os instantes que me dás.

Desde que tu me não beijas,
A bocca sabe-me a fel.
Oh! vem de novo beijar-me,
Meu rico favo de mel!

Se á rua juntos sahimos,
Tão juntos vamos a par,
Que juntos só parecemos
Juntos um corpo formar.

Que tenhas novos amores,
Isso que faz? que me importa?
Mulher que já me enganou,
Arreda da minha porta!

De tantas moças bonitas
Com quem ha pouco te vi,
Nenhuma tinha os teus olhos,
Egual nenhuma era a ti.

Teus cobiçados carinhos
Nunca, menina, me déste.
Deus te pague essa virtude
Que só commigo tiveste.

Eu julguei morrer de dor,
Ao ver que ella me esquecia.
O tempo veiu provar-me
Que de dor ninguem morria.

Dês que te vi, meu amor,
Á razão não sei que fiz;
Choro e rio ao mesmo tempo,
Ando triste e sou feliz.

Se essa luz do teu olhar
Fosse por mim repartida,
Nunca mais teriam noite
Os dias da minha vida.

De sermos ambos um ser
Muitas vezes me convenço;
Que eu vivo como tu vives
E tu pensas como eu penso.

Fechando os olhos te via
Quando em ti punha o desejo;
Com elles agora abertos,
Passo por ti, não te vejo.

Da côr preta do cabello
Que Deus te deu, ó menina,
Tu podias, se quizesses,
Extrahir tinta da China.

Alerta! alerta! meus olhos!
Attenção para a janella!
Que lá se vê entre os vidros
Quem vos traz de sentinella.

Levou-te a morte cruel,
Adorado amor perfeito!
Morreste para os meus olhos,
Vives agora em meu peito.

Se o teu amor alcançar,
Esse amor tão desejado,
Que mais posso eu desejar
Que já não tenha alcançado?

Em amor julgei-te firme.
Que tolice! que fraqueza!
Esqueci que em variar
É que tu só tens firmeza.

De roxos lirios um ramo
Quiz trazer-te por lembrança;
São roxos para dizerem
Que tenho em ti confiança.

Dizes que vaes retirar-me
Certo amor que me tiveste.
Como has de tu retirar-me
O que nunca tu me déste?

Perfeições taes como as tuas
Cá na terra não ha vel-as;
São do céo, que só no céo
É que moram as estrellas.

Se a morte dura e cruel
Me levou o meu amor,
Que me leve a mim tambem,
Pondo fim á minha dôr.

«Ás armas!» grito eu de prompto
Se o meu bem vejo chegar.
«Guarda dentro» elle responde
Para não me incommodar.

Se o teu amor me promettes,
Vê o que vaes prometter.
Não faças que eu volte á vida
Para de novo morrer.

Tenho comtigo em aberto
A minha conta de amor;
Mas previno que a não fecho,
Pois que sou mau pagador.

Quiz, apesar de paisano,
Fazer-te meu pé de alferes;
Mas tu, por causa da farda,
A quem tem farda só queres.

Tem a terra milhões de aves,
Milhões de peixes os mares.
Pois tantas aves e peixes
Não egualam meus pesares.

Geme o pombo rolador,
Responde a pomba tambem.
Eu gemo então noite e dia
E a minha pomba não vem!

Tuas lettras são mais doces
Que o mais doce pão de ló.
Mas vê, menina, que o homem
De lettras não vive só.

Sentindo a vida tão longa
Para chorar e gemer,
Sinto que seja tão curta
A vida para te querer.

Quiz entrar por ver-te abertas
As portas do coração.
A occasião meu amor,
Foi que me fez ser ladrão.

Não sei dizer o que sinto
Se com agrado me falas;
Mas perco a minha alegria
Se vejo que tu te calas.

Tu, entregue ao teu descanço,
Nunca desejas cançar-te.
Eu então tanto me canço
Na canceira de adorar-te!

Derretem linguas de fogo
Da fria neve a dureza;
Só meu olhar tão de fogo
Não derrete essa frieza!

Vê, ó ingrata, se attendes
Meu pedido d'esta vez:
Se o teu amor não me dás,
Teus desprezos não me dês.

Vivo a penar dia e noite,
Ai! como nunca vivi!
Vivo a penar pelo amor
Que tenho e sinto por ti.

A tua imagem, meu bem,
Traz-me o sentido suspenso·
Se durmo, sonho comtigo,
Se accordo, logo em ti penso.

Não sei contar como foi
Que ao teu amor me prendi;
Sei que morro por te ver
Desde o dia em que te vi.

Se o teu pézinho bem cabe
N'uma caixa de rapé,
Teu amor, que mal se enxerga,
Dá idéa do teu pé.

Tu commigo és muito fria;
Mas se um dia isso mudar,
Talvez então que a frieza
Se vá em mim acoitar.

Tua affeição que juraste
Ser grande, firme e segura,
Foi para mim sol de inverno
Que apparece e pouco dura.

A soffrer penas e dores
Vivo tão acostumado,
Que espanto já me fazia
Por ti não ser enganado.

Desistir eu de te ver,
Desistir eu de te amar,
Seria o mesmo que querer
Com fogo o fogo apagar.

Que doce encanto me dão
As tuas falas tão doces!
Se não fosses de outro já,
De mim quizera que fosses.

A morte dura e cruel
Veiu roubar o meu bem.
Agora que venha a morte
Roubar-me a vida tambem.

Cego que fosse, e bem cego,
Não chorava a luz do dia,
Que a tua bonita imagem
Co'os olhos d'alma veria.

A minha ingrata deixou-me
Sem me dizer uma fala!
Tão enxuta ella ao deixar-me,
Como eu saudoso ao deixal-a.

Sempre que estou a teu lado,
Não sei o caso explicar-te,
Quantos mais beijos te dou,
Mais beijos quizera dar-te.

Se arregaças o vestido,
Deixando vêr o pézinho,
Perco de todo a cabeça
E fico pelo beicinho.

Receitaram-me um remedio
Amargoso como fel;
Possa eu ter para adoçal-o
As tuas falas de mel.

Se quando vaes á egreja
Pelos teus defunctos rezas,
Reza por mim, já defuncto
Por tanto que me desprezas.

No jardim dos desenganos
Semeei muitos abrolhos,
Que rego todos os dias
Com as aguas de meus olhos.

O teu pé tão pequenino
E' um pé de tentação;
O teu pé quizera eu sempre
Calçar dentro d'esta mão.

Tem ella a bocca fechada
Para não me responder;
Eu aberto o coração
Para muito bem lhe querer.

Na covinha do teu queixo,
N'essa covinha engraçada,
Consente sempre que eu traga
A minha bocca enterrada.

Fructas ha bem saborosas,
Fructas que tem muito gosto;
Mas das fructas a melhor
São as maçãs do teu rosto.

Tu és a rosa de cheiro,
Eu cardo cheio de espinhos,
Não pode nunca uma rosa
Pelo cardo ter carinhos.

Dês que em teu rosto meus olhos
Poisei contente e feliz,
Nunca mais estes meus olhos
N'outro rosto poisar quiz.

Quando estou longe de ti,
Esperando ver-te me alento.
Chegas tu, mata-me então
Tamanho contentamento.

Perdi o tacto de todo
Em feia noite sombria;
N'isto chegaste á janella
E mudou-se a noite em dia.

O condão que tens comtigo
Não sei eu entender bem;
Pois tanto agradas se ris,
Como se choras tambem.

Ha muito que ando perdido
Por amor dos olhos teus;
De me haver perdido assim
Tu darás contas a Deus.

Eu bem sei que tu, menina,
Por mim não sentes paixão,
Que da neve tendo a côr,
Tens de neve o coração.

Se o teu olhar dá a morte,
Segundo ouvi já dizer,
Ai! lança-me o teu olhar,
Para de prompto morrer.

A tua negra traição
Poz-me o peito n'uma chaga;
Não tem duvida, menina,
Amor com amor se paga.

Deixei prender-me de todo
Pelos teus olhos inaganos.
Serviu-me só a prisão
Para apanhar desenganos.

Se nas aguas da ribeira
Tu poisas o teu olhar,
Fica a ribeira a luzir
Como se houvesse luar.

Sem ti não sei como vivo,
Tudo sem ti me entristece;
Se passo um dia sem ver-te,
Que longo o dia parece!

Esperei um beijo de ti,
Nunca a esperal-o estivera!
A' minha custa apprendi:
Quem espera, desespera.

Perdes o tempo em zangar-te;
Não temo as tuas maneiras;
E' por ver que não me queres,
Que eu quero que tu me queiras.

Falaste-me ha pouco a rir,
Como fala quem bem quer.
Agora falas-me séria...
Ninguem te entende, mulher.

Se choras, tenho vontade
De teus olhos ir beijar;
Que os meus beijos são remedio
Para lagrimas seccar.

Tanto a vista ponho em ti,
Que a ti sómente é que vejo;
Em mais nada a vista ponho,
Tanto pôl-a em ti desejo.

Não me quer crer o meu bem
Por mais juras que lhe faça.
Pois ha de crer-me afinal:
Quem porfia mata caça.

Só queima o sol com ardor
Nos mezes quentes do estio;
Teus olhos queimam-me a mim
Até nos mezes de frio.

Que bem, emquanto o meu bem
Sobre a terra viveu cá!
Mas que pesar, desde que elle
Debaixo da terra está!

Hontem sorrisos me déste,
Negas-me hoje os teus olhares;
Não me deixes ver o céo
Para do céo me privares.

Não fujas de ao pé de mim,
O' minha estrella de prata!
Que, se o teu brilho me cega,
A tua ausencia me mata.

A soffrer por causa d'ella
Já tenho chorado tanto,
Que até um rio fizera
Com as aguas do meu pranto

Se o teu rosto, moreninha,
Do fino mel tem a côr,
Deixa que próvem meus beiços
Se tem do mel o sabor.

Por morte darem teus olhos
Quer a justiça prendel-os;
Mas tambem, por darem vida,
Prompto irei eu defendel-os.

Se eu fosse pintor de fama
Havia de retratar-te.
Com tal modelo, o retrato
Sahiria uma obra d'arte.

Levaste comtigo a luz
Que rompia as minhas trevas;
Agora dize, ó ingrata,
Quando é que a vida me levas?

As falas que me diriges
De tal doçura veem cheias,
Que eu cuido que tens na bocca
O mel de muitas colmeias.

As tranças do teu cabello
São feitas de fios de oiro.
Quem é dona d'essas tranças
Comsigo traz um thesoiro.

Se, quando soffro, appareces,
Meu soffrimento esqueci;
Que o soffrimento se muda
Em prazer ao pé de ti.

Quem se excede na bebida,
Fica tonto da cabeça;
A mim basta-me só ver-te,
Para que tal me aconteça.

Já doze beijos me déste
De muito boa vontade;
Dá-me sómente mais um,
Para ser duzia de frade.

Branca luz enchia o céo,
E eu cuidei que era o luar;
Enganei-me, era o meu bem
N'um terraço a passear.

No nosso primeiro encontro
De fato preto appareceste.
Por ser de agoiro essa côr,
Depressa tu me esqueceste.

Anel de prata me déste
Como brinde de valor.
Se o teu anel vale pouco,
Não vale mais teu amor.

Pela feira das Mercês
Quatro beijos te pedi;
Já lá vai a feira ha muito,
Mas inda os beijos não vi.

Sempre de gelo commigo,
Tentar rendel-a é debalde.
Por calor em seus carinhos
Não será que ella se escalde.

O' rio dos desenganos!
Engrossa, faze-te mar;
Que desejo em tuas aguas
O meu amor afogar.

Choram meus olhos de noite,
Choram meus olhos de dia,
Choram por terem perdido
Quem só lhes dava alegria.

Para abrandar minhas penas
Tenho a tua companhia;
Se tu, meu bem, não vivesses,
Não era eu que vivia.

Quando te vejo vestida
Com teus fatos de passeio,
Quizera ser o raminho
Que levas preso no seio.

Para cá vens de carrinho...
Podes pedir que não cedo;
Gato que foi escaldado
Da agua fria tem medo.

De ferro fazem-se grades
Para cercar as prisões;
Das tuas tranças cadeias
Para prender corações.

Ai! nunca me digas «não»,
Meu delicado alfenim!
Só dizem «não» boccas feias;
As bonitas dizem «sim».

Sendo as joias de teus olhos
De tão fina qualidade,
Eu, que nunca roubei nada,
De roubar sinto vontade.

Que de novo eu lhe quizesse,
Muito a bem ella me disse.
Na primeira todos caem,
Na segunda é já tolice.

Tu me perguntas se alguem
Amei já antes de ti.
Não sei dizer, pois comtigo
Todo o passado esqueci.

Um desgosto do meu bem
Um desgosto meu parece:
Que os desgostos que elle tem,
São como se eu os tivesse.

Para mim começa o dia
Quando vais apparecer;
Em quanto deixo de ver-te,
Não deixa noite de ser.

Duas aguias a voar
Não andam tanto caminho,
Como a correr os meus pés
Em busca do teu carinho.

Em te escrever uma carta
Puz eu todo o meu engenho;
Tu vais guardal-a no seio...
Que inveja á carta que eu tenho!

Se ella engana o seu amor
Para commigo falar,
Que muito que ella tambem
Me trate a mim de enganar?

Vou pedir para os teus olhos
A pena de uma prisão,
Já que os teus olhos de assalto
Roubaram meu coração.

Se é só em sonhos que eu posso
Alcançar de ti um beijo.
Deus me dê sonhos comtigo,
Conforme eu quero e desejo.

Ninguem vence a minha amada
Nas prendas da formosura:
Mas lá emquanto a constancia
Muda o caso de figura.

Ella a jurar que me quer,
Eu que lhe quero a jurar,
E qual de nós mais depressa
O juramento a quebrar!

Dois dias que estive ausente,
Dois annos foram, parece.
Pois mostraste que em dois dias
Quem não apparece, esquece.

Se os signaes brancos das unhas
São prova de que se mente,
Já sei, menina, que vives
A mentir constantemente.

Fechaste a porta, cuidando
Que d'isso pena me vinha;
Quando a porta me fechaste
Outra aberta já eu tinha.

De verde-negro, morena,
E's triste como um cipreste;
Morena que bem se vista,
De verde nunca se veste.

De azul e branco vestida,
Que linda estás, minha loura!
De azul e branco vestida,
Pareces Nossa Senhora.

Negas os beijos que déste
Quando foste generosa;
Esquece embora os teus beijos,
Mas não sejas mentirosa.

Os teus carinhos promettes
Ceder-me de mez a mez.
N'esse caso, para amar-te,
Devo estar esperando vez.

Quizeste ver-me a pedir
Que me amasses por favor.
Sou pobre, mas não costumo
Pedir esmolas de amor.

Juraste que eternamente
Serias a minha amante.
Durou-te a jura seis mezes —
Não te julguei tão constante.

Menina, se me não queres,
Não finjas por mim ternura;
Que o querer bem é voluntario,
Não se dá por escriptura.

Porque tu já me deixaste,
Não cuides que peorei.
Depois que tu me deixaste,
Melhor amor encontrei.

Levava á Rosa uma rosa
Quando a Julia me encontrou,
E a rosa que era da Rosa
Nas mãos da Julia ficou.

Eu, generoso, a ceder-te
O meu amor inteirinho;
Tu, somitica, sem dares
Do teu um só boccadinho!

Amante, quizera ver-te
Como as rainhas n'um throno;
Amante, sigo-te os passos
Como um cão segue o seu dono.

Cruzar no céo uma estrella
Da minha janella vi;
Ia tão branca e luzente
Que eu comtigo a confundi.

Das cartas que tu me escreves
Já tenho cheio um cabaz.
Vê se mandas menos cartas
E mais carinhos me dás.

Das cartas que te escrevi
Não ha novas, nem andados.
Quem quer, vae; quem não quer, manda —
Bem certos são os dictados.

Das cartas que te mandei
Fazer-se um monte podia;
Por não ser firme esse monte,
De ti lembrança daria.

Que o seu amor não mudava
Ella jurou muita vez;
E o seu amor punha escriptos,
Mal ia passado um mez!

Por seres muito friorenta
Buscas do fogo o calor.
Vem antes, filha, aquecer-te
No fogo do meu amor.

O jardim da minha esperança
Perdeu de todo a verdura;
Para seccal-o, bastou
Faltar- lhe a tua ternura.

Tenho preso o coração
E não quero desprendel-o.
Foi o laço que o prendeu
Um fio do teu cabello.

Cravos e lirios pisados
Cheirosas essencias dão.
Por ti pisado, o meu peito
Dá gemidos de afflicção.

Os figos de capa rôta
São dos figos os mais doces.
Quem dera que para mim
Um d'esses figos tu fosses!

Todo o captivo deseja
Seu captiveiro perder;
Mas eu, captivo por ti,
Captivo quero viver.

Quando tu aos céos subires,
Que funcção irá nos céos!
Até S. Pedro á entrada
De archanjos fará trophéos.

A teu respeito não sei
Ter seguro pensamento,
Que tu mudas n'uma hora
Tanto ou mais que um catavento.

Mata-me a luz dos teus olhos,
E eu bemdigo a minha sorte,
Que a vida perder não custa,
Dando teus olhos a morte.

O metro matou o palmo —
O palmo já nada val';
Mas teu palminho de cara
É de um valor sem egual.

Dois luzentes pirilampos
Teus olhos parecem bem,
Que não só luzem de noite,
Senão de dia tambem.

Branquinha qual uma pomba,
São de pomba os teus olhares;
Só azas não tens de pomba
Para commigo voares!

De brilhantes muito finos
São os orvalhos de agosto;
De joias mais preciosas
Os encantos do teu rosto.

Se tu, ó Rosa, deixasses
Que eu fosse o teu jardineiro,
Não eras Rosa de nome,
Serias rosa de cheiro.

Dois pardaes vi a beijar-se
N'uma seara de trigo;
Só tu recusas, meu bem,
Fazer o mesmo commigo!

O sol que tudo alumia
Deixa á noite de brilhar;
Mais que o sol, de noite e dia
Brilha sempre o teu olhar.

Se mãe tiveste inconstante,
De imital-a andas tu perto.
Quem sae aos seus, moreninha,
Não degenera — é bem certo.

Dormindo estava o meu bem,
Fui-lhe um sapato furtar;
Quiz ver se ás moças servia —
Nenhuma o poude calçar!

Rua Bella da Rainha, (*)
Que é das ruas principaes,
Só é bella e da *rainha*
Quando tu por ella vaes.

Em quanto, longe de ti,
Eu de ti guardo as lembranças,
Tu aos teus novos amores
Vaes dando novas esperanças.

Qual de nós, se eu me ausentar,
A' dor será mais propenso:
Tu que em mim tão pouco pensas,
Eu que em ti sómente penso?

No céo ninguem vê o sol,
E na terra a neve cae!
Que frio que ha de sentir
Na fria cova meu pae!

Gelam as aguas da fonte,
Gelam os rios tambem!
Que frio que hão de sentir
As cinzas de minha mãe!

(*) Nome official da rua da Prata em Lisboa.

AS QUATRO OPERAÇÕES

Na taboada do amor
Leio ha muito de cadeira.
Faço as quatro operações
Todas certas á primeira.

A sommar, sommo tres beijos
Que já dei, com tres a dar,
E junto depois mais seis,
Para a duzia arredondar.

Agora a diminuir —
Se moça penas me aponta,
As penas lhe diminúo
Tomando-as á minha conta.

Forte sou a multiplicar,
E, sempre que eu multiplique,
Não haja medo, não haja,
Que deserto o mundo fique.

Finalmente a repartir
Ninguem mostra mais preceito,
Que eu reparto pelas moças
Os carinhos do meu peito.

Feitas assim d'este modo
As taes quatro operações,
Na taboada do amor
Sei que posso dar licções.

II

Tens um olhar, moreninha,
Como não ha outro assim;
De doçura para todos,
E só de fel para mim!

Visto que é só para mim
Que o teu olhar é de fel,
Quando tenhas de falar-me,
Vê se o adoças com mel.

Eu dormia descansado;
N'isto accordo de repente
Ao dizer-me o coração:
«O teu bem cahiu doente.»

Corro a casa do meu bem;
Doença grave elle tinha.
Ai! que é bruxo o coração,
O coração adivinha!

Propoz-se a votos no céo
Qual teria mais valor,
Se o brilho do sete-estrello,
Se da lua o resplendor.

Notou-se empate nos votos
Depois de haver discussão;
N'isto apparecem teus olhos,
Cae n'elles a votação.

Da aurora roubaste as côres,
O brilho do sol roubaste,
E ás mais bonitas das flores
O fino cheiro tiraste.

Vae a aurora, o sol, as flores
Reuniram em congresso,
E querem chamar doutores
Para intentar-te um processo.

Hoje vi a minha amada;
Que bonita que ella ia!
Mas não me deixou seguil-a
Uma velha que a seguia.

E para mim como olhava
A tal velha d'uma figa!
Que prompto esquece uma velha
Quanto fez em rapariga!

A Luizinha amuada
No noivo pespega um beijo,
E acode: «Não foi de pazes;
Foi por matar um desejo.»

— Foi por matar um desejo?
Responde o noivo a bom rir;
Deus queira que taes desejos
Se tornem a repetir.

Enviou á terra o sol
Um commissario instruido,
A buscar duas estrellas
Que do céo tinham fugido.

Depois do tal commissario
Correr semanas seguidas,
Foi as estrellas achar
Nos teus olhos escondidas.

Mal o momento chegou
De me soltar de teus braços,
Já não sei onde é que estou,
Não me atrevo a dar dois passos.

Não me atrevo a dar dois passos
Sem de novo ir abraçar-te;
Pois, se vivo nos teus braços,
Sinto que morro ao deixar-te.

O cheiro d'essa boquinha
E' cheiro superlativo;
Nem juntos cravos e rosas
Teem cheiro tão activo.

E mal a gente de longe
A tua boquinha avista,
Parece logo que entrou
Na loja de um perfumista.

Ouvi hoje á tua porta,
Inda mal rompêra o sol,
Um concerto de avezinhas
Que regia um rouxinol.

Perguntei-lhes o motivo
De tão alegre alvorada.
«Festejâmos, responderam,
«Os annos da tua amada.»

Ella voltava da fonte,
Trazia o cantaro cheio;
Furta-lhe o noivo um abraço,
Quebra-se o cantaro ao meio.

Quebra-se o cantaro ao meio,
E a moça, toda a tremer,
Diz para o noivo, assustada:
«Que se ha de agora fazer?

Amores do sol com a lua
Ha muito que andam tremidos.
Mostra-se o sol indifferente,
A lua solta gemidos.

A lua geme e não tem
A luz tão branca e tão doce. —
E' que o sol, dês que te viu,
Dos teus olhos namorou-se.

Eu cuidei que o teu amor
Tinha muros de cimento,
Muros que á prova estivessem
De qualquer desabamento.

E d'esta grande tontice
A cabeça trouxe cheia,
Até saber que os taes muros
Assentavam sobre areia.

Quando tu vaes, meu amor,
Nas aguas do mar banhar-te,
O que o mar te não diria,
Se o mar soubesse falar-te!

Se o mar falasse, diria
Que, linda como tu és,
Por merecer-te poria
Todo o seu reino a teus pés.

Não sei dizer o que sinto
Desde a tarde em que te vi;
Sei que, a contar d'essa tarde,
Não penso senão em ti.

Não pensar senão em ti,
E' por certo um grande bem;
Mas o bem maior seria
Se em mim pensasses tambem.

Tu foste de saia verde
Ás festas do Salvador;
Cuidei que o verde era esperança,
Sahiu-me falsa esta côr.

E, como alli me affirmaste
Que em meu amor já não crês,
Deixa o verde, toma o preto,
Que é a côr da viuvez.

A' porta de tua casa
Hei de fazer uma cruz,
Arrependido bastante
Da grande fé que em ti puz.

E n'um lettreiro direi,
Por baixo da mesma cruz,
Que te portaste commigo
Como Judas com Jesus.

Vim quasi de escantilhão
A' entrevista marcada;
Chego e vejo que o meu bem
Tinha a janella fechada.

Tinha a janella fechada,
Que o meu bem, por inconstante,
Da janella do saguão
Falar fôra a outro amante.

Se tu, mulher, me trahires,
Se eu morrer d'essa traição,
Sobre a cova em que me enterrem
Vae, mulher, pedir perdão.

Sobre a cova em que me enterrem
Vae, mulher, pedir perdão,
Que talvez inda na cova
Por ti chore o coração.

Vi-te ha dias no pescoço
Um enfeite de valia —
Uma cruz de ouro polido
Que ao longe muito luzia.

Que ao longe muito luzia,
Que tambem ao perto luz.
Ai! menina, quem me dera
Ser pregado n'essa cruz!

Sempre que tenho, meu bem,
O prazer de te falar,
Julgo que fujo da terra
E que vou no céo entrar.

E só quando tu me deixas,
Depois de tanta ventura,
E que vejo com saudade
Que o céo foi de pouca dura.

Tive fé no teu amor,
Estimei-te como um louco;
Mas o teu amor sumiu se,
Foi fumo que durou pouco.

Foi fumo que durou pouco,
Fumo que o tempo varreu,
Antes fosse o meu amor
Fumo tambem como o teu.

No nosso primeiro encontro
Quasi de mim te apartas'e;
Depois mudaram os tempos
E tu com elles mudaste.

E mudaste, meu amor,
De um modo tão singular,
Que és tu hoje que tens medo
Que eu possa vir a mudar.

As ondas do teu cabello
Trazem o mundo espantado.
Prouvera a Deus que me visse
Em taes ondas mergulhado.

Se em taes ondas mergulhasse,
Não me havia de afogar,
Que tinha perto um pharol
Nas luzes do teu olhar.

Eu vivia sem cuidados,
Era feliz e ditoso;
Mas vi-te um dia, e depois
Nunca mais tive repouso.

Por alcançar teus agrados,
Tudo que amava esqueci.
Mas nem por isso maldigo
Esse dia em que te vi.

Quando tu, ó meu amor,
Te apartas de ao pé de mim,
Os dias annos parecem,
Os dias nunca tem fim.

Os dias nunca tem fim,
A julgar pelo que vejo,
Ou, se lhes dá para andar,
Andam como um caranguejo.

Quem me dera aquelle tempo,
Tempo feliz dos amantes,
Em que tu, posta á janella,
Ouvias os meus descantes.

Áquelle tempo feliz
Agora tu fazes figas,
Que moças como tu és
Não vivem já de cantigas.

De tal modo me prendi
Nos laços do teu amor,
Que, se um dia m faltasses,
Eu morreria de or.

E morreria de dor,
Porque deixar de te ver
Seria maior desgraça
Que a desgraça de morrer.

Eu não me esqueço, menina,
Que agua molle em pedra dura,
Segundo resa o rifão,
Tanto dá até que fura.

E se o teu peito é de pedra
Nas durezas para mim,
As aguas d'estes meus olhos
Hão de abrandal o por fim.

Dobro o ferro sem esforço,
Tão rijo tenho o meu braço;
Mas a ti é que não dobro,
Por mais esforços que faço.

Não dobro, nem dobrarei,
E creio n'isto não erro;
Pois teu peito é de um metal
Muito mais duro que o ferro.

O teu pézinho, menina,
E' tão pequeno e veloz,
Que podia até calçar-se
N'uma casquinha de noz.

N'uma casquinha de noz,
Toda a verdade não é,
Que talvez n'uma avelã
Possa calçar-se o teu pé.

Já te gabei o pézinho,
E da mão não disse nada,
Quando a mãozinha que tens
Lembra mãozinha de fada.

Tão pequena e tão bonita,
Outra nunca vi assim,
Tão branca, não é de carne,
E' fina mão de marfim.

A tua mão pequenina
Some-se ao dar-se-lhe um beijo;
Acene-me ella de longe
E tu verás se a não vejo.

E tu verás se a não vejo;
Pois se tens a mão pequena,
E' grande á vista que tenho
Quando a tua mão acena.

Negras nuvens, grossos pingos
Lançam n'um jorro sem fim.
Tantos pingos, quantas lagrimas
Choram as nuvens por mim.

E tanto já corre fama
Que os teus desprezos me dóem,
Que até as nuvens do céo
Do meu penar se condóem.

Tinge-se o céo de vermelho,
Quando vem rompendo a aurora,
Mas, se acaso ella te avista,
Confusa foge e descora.

Confusa foge e descora,
E vae chorando o seu mal,
Aos echos do céo dizendo
Que és tu a sua rival.

Por não saber a razão
Da frieza que te via,
Fui pedir ao sol de agosto
Se tal frieza aquecia.

— Não podes ser attendido,
Disse-me o sol sem detença,
Que a frieza do teu bem
Não tem cura, é de nascença.

O mar parece um leão
Em horas de temporal.
Meu cioso coração
E' tambem ao mar egual.

E' tambem ao mar egual,
Rompe como elle em rugidos,
Mas, depois do temporal,
Como elle solta gemidos.

A' Mãe divina eu daria
Um Menino feito em cera,
Se a minha pomba innocente
Seus agrados me cedêra.

E se aos agrados a pomba
Juntasse beijos tambem,
Então não sei que daria
A' nossa divina Mãe.

As minhas rezas de infancia
Ha muito já esqueci;
Não tem bocca para rezas
Quem põe os olhos em ti.

Quem põe os olhos em santa,
Como tu és, tão bonita,
Só em teu amor tem fé,
E' só n'elle que acredita.

Já que tu me tens tratado
Com deshumano rigor,
Desprezando por acinte
As minhas juras de amor;

Deus queira, como castigo
Do desdem que achei em ti,
Que ames quem te não ame
E soffras como eu soffri.

Os teus olhos são luzeiros
De uma luz tão viva e pura,
Que parecem dois pharoes
A brilhar em noite escura.

E, de ver tanto a miudo
Os teus olhos a brilhar,
Até creio que elles bastam
Para a terra alumiar.

Que viuvinha tão linda
Que eu tive no meu viveiro!
Bateu as azas, fugiu,
Fartou-se do captiveiro.

Fartou-se do captiveiro,
Buscou abrigo melhor.
Deus queira que nos seus vôos
Não acerte inda peor.

Estala o raio e parece
Que fica a terra abalada;
Ella esconde-se em meus braços,
E eu peço mais trovoada.

E o raio torna outra vez
A fazer grande estalada;
E ella, com medo a principio,
Tambem já quer trovoada.

São teus dentes um rosario
Do mais polido marfim.
Antes fossem punhaes de aço
Que se cravassem em mim.

Que se cravassem em mim
Por muitas horas seguidas,
Para sentir a ventura
De abençoar suas feridas.

Ella disse que por mim
Um fogo ardente sentia;
Mas o fogo amorteceu,
Conforme o tempo corria.

E tanto o fogo depois
Se deixou amortecer,
Que era preciso assopral-o
Para de novo elle arder.

Do grão que á terra se lança
Tira a lavoira producto;
Eu então lanço-te olhares
Que se perdem sem dar fructo.

Que se perdem sem dar fructo,
Por mais cuidados que emprego.
Pois, a perder meus olhares,
Mais me valêra ser cego.

As saudades n'um canteiro
Duram tanto como as rosas;
As saudades no meu peito
Todo o anno estão viçosas.

E, para estarem viçosas
E até crescerem aos mólhos,
Bastam as aguas sahidas
Das nascentes dos meus olhos.

Quando formos á Egreja
E eu puder chamar-te minha,
Descerá do céo a Virgem
A servir-nos de madrinha.

E tambem por convidados
Os anjos todos virão,
Com suas roupas de gala
E cirios bentos na mão.

Em troca dos meus carinhos
Sómente aggravos me déste.
N'esse teu peito, ó ingrata,
Coração nunca tiveste.

Mas eu risco da memoria
Os aggravos que me déste,
E se o bem que fiz esqueces,
Esqueço o mal que fizeste.

Um casal de rouxinoes
Fui no meu peito guardar,
Para sahir do meu peito
Só em noites de luar.

E os rouxinoes em taes noites
Irão dizer-te cantando,
Que por ti ando perdido,
Que perdido por ti ando.

Se a minha pomba adormece,
Não me arreceio por ella,
Que os anjos todos do céo
Fazer-lhe vão sentinella.

E os anjos do céo tomaram
O caso tanto a seu cargo,
Que, se eu mesmo quero vel-a,
Me gritam: Passe de largo!

Coraes, perolas na bocca,
Fios de oiro no cabello,
Fazem que em dons de riqueza
Sejas um lindo modelo.

Mas tem cuidado, menina,
Guarda bem essa riqueza,
Não venham alguns ladrões
Fazer d'ella sua preza.

Parei defronte da casa
Onde te vi tantas horas.
Como tudo está mudado,
Depois que tu lá não moras!

Depois que tu lá não moras
Tem a casa um ar tão serio,
Que, em vez de alegre capella,
Parece-me um cemiterio.

Como a hera que se prende
Ao vallado em que nasceu,
Assim tambem meu amor
Ao teu amor se prendeu.

Ao teu amor se prendeu
Com tamanha solidez,
Que, ainda quando o cortassem,
Rebentaria outra vez.

Juraste-me eterno amor
Pelas festas do Natal.
Quando a Paschoa estava á porta,
Já nem pensavas em tal.

Já nem pensavas em tal,
Porque em teu peito o amor
Vive tanto, como vive
Nos canteiros uma flor.

Se, depois da minha morte,
Voltar á vida pudesse,
A' morte sujeitaria
Quem teus agrados tivesse.

Quem teus agrados tivesse
Não me havia de escapar,
Que eram de mais n'este mundo
Dois homens para te amar.

Em constancia e lealdade
As tuas prendas são taes,
Que eu até penso em gabal-as
Por annuncios nos jornaes.

Mas ir gabar essas prendas
Talvez que fosse arriscado;
Guardal-as só para mim
E' muito mais acertado.

Tens nos olhos uma luz
Que ninguem pode fitar;
E nas pestanas agulhas
Que muito devem picar.

Guardada d'essa maneira,
orre perigo quem te vê;
Mas de correr esse perigo
Quem me fizera a mercê!

Fiz um rosario das lagrimas
Que derramei pela ingrata,
E rezo n'esse rosario
Em quanto a dor me não mata.

Em quanto a dor me não mata,
Só hei de rezar assim,
Para que os outros amantes
Exemplo tomem de mim.

Quando o meu bem apparece
A' noitinha pelo eirado,
Torna a ser dia outra vez,
Fica o céo illuminado.

De uma luz tão clara e viva
O céo começa a brilhar,
Que eu ponho os olhos no chão
Por ter medo de cegar.

Andei por terras distantes,
Fui á India de visita,
Mas não vi por lá carinhas
Como a tua tão bonita.

Como a tua, tão bonita
Nem na mesma Andaluzia;
Como as rosas d'essas faces
Nem rosas de Alexandria.

Sou pobre, pobre pedinte,
Como pobre extendo a mão,
Para acceitar as esmolas
Dos carinhos que me dão.

Se de lindas bemfeitoras
Muitas esmolas cobrar,
Até os ricos da terra
A sorte me hão de invejar.

Fiz do peito porto franco
Dedicado ao lindo amor,
Para acolher n'esse porto
Muitas barcas de valor.

E, de acolher tantas barcas,
Taes canceiras apanhei,
Que, por fim, arrependido,
O porto franco tranquei.

Perde o tempo todo aquelle
Que a dar-te um beijo se arrisca;
Vê se mudas de systema,
Que é feio ser tão arisca.

E sendo os beijos tão bons,
E sendo a vida tão curta,
Commette peccado a moça
Que a ser beijada se furta.

Os teus olhos aguerridos,
Quando me fi am a geito,
Despedem balas de fogo
Que me traspassam o peito.

Que me traspassam o peito,
E de um modo tão certeiro,
Que não ha como os teus olhos
Outro melhor artilheiro.

Se tu contente me falas,
Eu fico tambem contente;
Se tens desgostos, pesares,
Meu coração logo os sente.

E sente-os como por mim
Pode sentil-os o teu;
Pois foi só uma a cadeia
Que as nossas almas prendeu.

Quem pecca vae para o inferno;
Mas se eu peccasse comtigo,
Posso jurar-te, menina,
Que não temia o castigo.

E não temia o castigo
Que se désse a tal peccado,
Que, peccador ser comtigo,
Vale a ter no céo entrado.

N'um bote que amor me fez,
Corto o mar dos meus desejos,
Pedindo por tripulantes
Lindas caras para beijos.

Se lindas caras vierem
Para tal navegação,
Não faltará quem me inveje
Tão boa tripulação.

Se visse que a feia morte
A' minha porta batia,
Protegido por teus beijos,
Da morte me salvaria.

E, ao notar que a salvação
Dos teus beijos dependia,
Se a feia morte voltasse,
Logo por ti chamaria.

Teem teus beiços, menina,
Tanto assucar no beijar,
Que os namoram as abelhas
Para o seu mel fabricar.

E se as abelhas sugassem
Esses beiços saborosos,
O mel das suas colmeias
Faria muitos gulosos.

Não tapes, morena, os olhos
N'essas dobras do teu fato,
Que tapar olhos tão lindos
Chega a ser um desacato.

Chega a ser um desacato,
Um desacato, sustento,
Que Deus fez teus olhos lindos
Para meu contentamento.

As ondas beijam a praia,
Beijam-se as aves nos ninhos,
Os moços beijam as moças,
Beijam as mães os filhinhos.

Por entre a rama das arvores
O vento beijos reparte.
Só eu não sei que são beijos,
Só eu não posso beijar-te!

Ao verem que tu me tratas
Com tamanha crueldade,
As rosas brancas se mostram
Mais roxas que uma saudade.

E tambem mudam de côr
As bonitas açucenas,
Tomando lucto pesado
Com pena das minhas penas.

O fogo do pôr do sol,
Que faz lembrar um vulcão,
Não eguala o fogo vivo
Que eu tenho no coração.

O fogo do pôr do sol
Não dura, desapparece;
Mas o fogo que me abraza,
Esse nunca se amortece.

Se, estando para falar-te,
Sentisse a fala fugir,
A' linguagem dos olhos
Iria auxilio pedir.

E tudo os olhos diriam
Em phrases breves e poucas;
Pois quando os olhos bem amam,
Dizem mais que muitas boccas.

Eu amante a procural-a,
Eu seus passos a seguir,
Ella, arisca e arredia,
Sempre de mim a fugir!

Deixal-a fugir, que fuja,
Deixal-a cançar, deixal-a,
Que, depois de bem cançada,
Facil será agarral-a.

Pisei um pé ao meu bem,
Sem vontade de o pisar;
Pisei-lhe um pé, quando a vida
Por tal pé quizera eu dar!

E n'este preço offerecido
Não havia sacrificio,
Que, por tal pé dar a vida,
Chega a ser um beneficio.

Teu amor é como as aguas
Que vae levando a corrente,
Não é firme nem constante,
Muda logo de repente.

Teu amor em consistencia
E' tão forte como um vime.
Amor assim tão vadio
Não é amor que se estime.

Querem do céo as estrellas
A' terra descer um dia,
Para roubarem o fogo
Que o teu olhar alumia.

Vê se foges das estrellas,
Que o fogo do teu olhar,
Se se espalha pelo céo,
Pode o céo incendiar.

Se lhe digo que me queira,
Receio fazer-lhe offensa,
Que eu bem sei que ella me quer,
Que a toda a hora em mim pensa.

Não é só a toda a hora,
E' mesmo a todo o momento.
Por amor ninguem tão preso
Trouxe ainda o pensamento.

Eu hontem pedi-te um beijo,
Minha pombinha adorada,
E tu, ouvindo o pedido,
Ficaste séria e calada.

Repeti hoje o pedido,
Nem sequer buliste os dentes;
Pois, se consente quem cala,
Tu que te calas, consentes.

Nunca vás, ó morenita,
A'quelles montes d'alem,
Que os lobos são atrevidos
E não respeitam ninguem.

E menos inda respeitam
Moça que seja bonita,
Por isso aos montes d'alem
Nunca tu vás, morenita.

A minha roseira, ó Rosa,
Quasi que estava a seccar;
N'isto passei-te a roseira
E fizestel-a medrar.

Tu, Rosa, curas as rosas
Seccas do sol que as abraza,
E' assim como quem diz: —
Tens o remedio de casa.

Quando essa linda boquinha
Meiga me dá um sorriso,
Já não sei dizer ao certo
Qual o caminho que piso.

Parece que fico tonto,
Que andar tudo á roda vejo;
E se isto faz um sorriso —
O que não faria um beijo!

Construi uma barquinha
De meia casca de noz,
Com as vélas de cambraia
E os seus cabos de retroz.

Depois de feita a barquinha,
Para a barquinha embarcou
O coração do meu bem,
Que á larga n'ella ficou.

Encontrei-te ao meio dia,
E tres horas deram já!
Como corre breve o tempo
Quando ao pé de ti se está!

Se o tempo assim continúa
Ao pé de ti a correr,
A ser velho hei de chegar
Sem de tal me aperceber.

Mordeu-te a bocca um mosquito,
E tu depois, com razão,
Logo á morte o condemnaste
Para sua punição.

Mosquito assim atrevido
Foi bem feito castigal-o.
Mas que ventura tamanha
Se pudesse eu imital-o!

Moças bonitas não ha,
Moças bonitas não vi,
Que sejam como tu és,
Que se comparem a ti.

Por isso quando appareces,
Por isso quando tu saes,
E' ver as moças bonitas
A dar suspiros e ais.

Na tua cara, menina,
Existem como rivaes
Dois olhos cheios de luz,
Uma bocca de coraes.

Quando a bocca dá sorrisos,
Os olhos despedem raios.
Se os olhos mostram meiguice,
A bocca sente desmaios.

Eu tenho as neves de inverno
Na cabeça a branquejar;
Tu a luz de um sol de verão
Em teus olhos a brilhar.

Para que deixe de haver
Uma tal desproporção,
Funde-me as neves de inverno
N'essa luz de sol de verão.

Trago as faces descóradas,
E disseram-me tres sabios
Que só curar-m'as podia
O coral d'esses teus labios.

Ai! não lhes negues a cura,
Pois que fica muito bem
Repartir pelos doentes
Um remedio que se tem.

Amor tamanho e tão puro,
Como sempre foi o meu,
Nunca se viu cá no mundo,
Nunca ninguem conheceu.

Pois creio até que, depois
De ter deixado esta vida,
Inda meus restos dirão
Quanto por mim foste querida.

Sempre te encontro ao espelho,
Quando te vou visitar;
Em vez do espelho, põe antes
Nos meus olhos teu olhar.

E verás, minha menina,
Ao seguir este conselho,
Que as meninas dos meus olhos
São muito melhor espelho.

Se fôra rico de bens,
De bens iria cercar-te,
Mas, pobre, dou-te um anel,
Por não ter mais para dar-te.

E se aneis servem nos dedos
De voluntaria prisão,
Diga esse anel que bem preso
Tenho a ti o coração.

Em amor os teus processos
Das modas seguem a par.
Se as modas muito variam,
Lá dás tu em variar.

A' vista de taes processos
Com que tanto te accommodas,
Serão varios teus amores
Como varias são as modas.

Matou-me a tua inconstancia
O coração que era teu,
E o pobrezinho, bem morto,
Em cinzas se converteu.

De taes cinzas remexer
Santa prudencia me veda.
Cinzas, por mais que se soprem,
Não levantam labareda.

Hontem pedi que me amasses,
Dizendo «sim» respondeste;
Hoje renovo o pedido,
Dizendo «não» me offendeste.

Que mau costume esse teu
De estar sempre variando!
Qual das vezes me enganaste:
Hontem querendo, hoje negando?

Pelas coisas d'este mundo
Tive sempre desapêgo;
Vae n isto, vejo-te um dia,
E tu roubas-me o socego.

Mas, roubando-me o socego,
Eu roubei-te o coração,
Para, conforme o proverbio,
Ter cem annos de perdão.

Se pudesse dar-te um beijo,
Que prazer o meu seria!
Prazer tamanho até creio
Que doido me tornaria!

Mas emquanto, assim ralado,
Nunca chego a dar-te um beijo,
Abelhuda borboleta
Beijando-te a face eu vejo!

Roseiras do meu quintal
Não mostram já o que são.
Teem as folhas todas seccas,
Espalhadas pelo chão.

Com essas folhas tão seccas
O meu amor se parece;
Elle é folha de roseira
Que, secca, não reverdece.

Se eu encaro a luz do sol,
Não fico de olhos cerrados,
Nem sinto que elles me chórem
Por tanta luz affrontados.

Mas se, em vez da luz do sol,
Vejo a luz do teu olhar,
O caso então é diverso:
Tenho os olhos que cerrar.

Se te comparo ás estrellas,
Em luz te ficam atraz;
Se te comparo á belleza,
Da belleza acima estás.

Não sei a que te compare,
Com receio de offender-te,
Pois não acho nem conheço
Coisa que possa exceder-te.

De teus affectos, meu anjo,
Quizera ser devedor,
Para juro e capital
Saldar com beijos de amor.

E talvez nunca chegasse
Toda a divida a saldar,
Pois, quantos beijos mais desse,
Mais beijos teria a dar.

Não finjas que me não vês,
Que eu bem sei que tu me viste.
Porque dei pelo teu jogo,
Não cuides que fico triste.

Não fico triste, ao contrario,
Fico até alliviado.
Vale mais um desengano
Que viver sempre enganado.

Como o quarto do meu bem
Não ha quarto mais bonito!
Quarto assim tão enfeitado
Parece mesmo um palmito.

Quarto assim tão enfeitado
Nem as rainhas o tem. —
O peor é só de longe
Deixar-m'o ver o meu bem!

Tu andas muito enganada
Se julgas que, por ser brando,
Com esses teus fingimentos
Me podes ir enganando.

Se, á sombra de fingimentos,
Enganar-me tu procuras,
Sabe tambem que nem sempre
E' bom fiar nas branduras.

Dizes que muito me queres
E que sempre me has de querer:
Olha lá, minha menina,
Que isso é muito prometter.

Já que ao dia de ámanhã
Não sabes se chegarás,
Reduze as tuas promessas
Ao dia de hoje em que estás.

Se tudo o tempo destróe,
Se o tempo a tudo põe termo,
Se até se diz que as cidades
Transforma o tempo n'um ermo:

Que muito foi que acabasse
Por mim a tua affeição,
Quando eu sei, de mais a mais,
Que és dada á variação?

Se a tua bocca me dá
Uns agrados que eu cobiço,
Meus rivaes, cheios de inveja,
A perros se dão com isso.

Se a tua bocca me désse
Uns beijos appetecidos,
Meus rivaes então dariam
De raiva em doidos varridos.

Para evitar que se saiba
Quem seja o moço que adoras,
Ha muito finges, menina,
Ser a mim que tu namoras.

Menina, vê se me acabas
Depressa com tal joguinho,
Não ponhas n'um sitio o ramo
E n'outro vendas o vinho.

Se a desgraça tens comtigo,
Cede-me d'ella uma parte,
Que a desgraça custa menos
Se com alguem se reparte.

E se a repartes commigo,
Podes ficar bem segura
Que isso a que chamas desgraça
Será a minha ventura.

De bom café uma chavena
Tu me déste por favor.
Bebi-o todo aos golinhos,
Como quem bebe licor.

E se o café que me déste,
Tinha tão fino sabor,
Que sabor que não teriam
Os teus beijos, meu amor!

Como tu, mulher nenhuma
Inda foi por mim tão querida.
Tu eras lua de prata
Na noite da minha vida.

Valeu a pena o excesso
De tanto amor que te dei,
Para saber ao depois...
O que de ti hoje sei.

Depois que tu me disseste
Que não podias amar-me,
Cuidei que andasses uns tempos
Com remorsos de deixar-me.

Remorsos! Quem fala n'isso!
Nem sequer um só desgosto!
Fizeste como na côrte:
Logo o rei morto, rei posto.

Não percebo a contradança
Em que tu levas a vida,
Hontem entregue ao peccado,
Hoje toda arrependida.

Se vaes assim, quando um anno
Tenha ao seu termo chegado,
A peccar, a arrepender-te,
Os dias terás passado.

Quando te encontro na missa,
Não sei bem o que desejo;
Sei que, em vez de ver o padre,
A ti sómente é que vejo.

E quando levanta a Deus
(Deus me perdôe o peccado),
E' adorando os teus olhos
Que eu me fico ajoelhado.

De principio os meus carinhos
Só desdens em ti acharam;
Mas agora esses desdens
Em zelos se transformaram.

Contra zelos e desdens
O meu socego reclama:
Inda assim, quero antes zelos,
Que só tem zelos quem ama.

Vejo com magoa que ha dias
De ti não ando lembrado;
Pois se tu me has de esquecer,
Antes eu seja odiado.

Esquecimento em amor
Da morte imagem parece;
Mais vale ser odiado:
Quem odeia não se esquece.

Quando me lembro que a terra
Ha de teu corpo comer,
Esse corpo tão bonito
Que eu não me farto de ver,

Peço a Deus, Nosso Senhor,
Como prova de carinho,
Que o teu corpo tão bonito
Suba ao céo todo inteirinho.

Fiquei céguinho de amor
Mal te vi logo á primeira,
E tu, menina, sem teres
Pena da minha cegueira!

Céguinho por tua causa,
Nem me escutas nem consolas!
Pois olha que é de christão
Dar a céguinhos esmolas.

Sonhei um sonho amoroso
N'uma doença de perigo;
Sonhei que um anjo do céo
Vinha á terra ter commigo.

Vinha á terra ter commigo
Poisando-me á cabeceira.
Accordo — vejo-te a ti
A servir-me de enfermeira.

Eu sem querer n'ella pensar,
Eu sempre n'ella pensando,
E assim vou sem mais proveito,
As horas desperdiçando.

Mas que doidice esta minha
De as horas desperdiçar!
Se ella nunca pensa em mim,
Porque hei de eu n'ella pensar?

O teu cabello é escuro,
Escuros teus olhos são.
Ai! não me prives, amor,
De tão linda escuridão!

Em tão linda escuridão
Bem contente viveria!
Que essa tua escuridão
E' como luz que alumia.

Em quanto sei que o meu bem
Vive alegre e descuidado,
Passo os dias tristemente
Por ser d'elle despresado.

O meu bem não me quer bem,
Do meu amor não se importa.
Eu abri-lhe o coração,
Elle a mim fecha-me a porta.

Se te falo, o que em mim sinto
Não sei ao certo dizer.
E' uma dôr que me acode,
Mixturada de prazer.

Prazer de estar a teu lado,
Sentindo o tempo correr,
Dôr ao lembrar-me depois
Que vou deixar de te ver.

Eu já fui por ti amado
Com excessos de ternura,
Depois fugiste, fugindo
Comtigo a minha ventura.

E cá ficou a saudade
A supprir tamanho bem!
Pois, se a ventura levaste,
Leva a saudade tambem.

Se ás profundezas do mar
Puder um dia descer,
De lá mil perolas finas
Para ti hei de trazer.

E, por mais finas que sejam
Essas perolas do mar,
Nunca bem finas serão
Para o teu collo enfeitar.

Tu negas ter recebido
As cartas que te escrevi,
Quando o correio me affirma
Que as entregou mesmo a ti.

Não mintas, pois, ó ingrata,
Que o mentir é muito feio.
Confessa que em mim não pensas,
Mas não culpes o correio.

De flores vestem-se os campos,
Em vindo a sua estação;
De espinhos, por tua causa,
Se veste meu coração.

Para que em vez dos espinhos
Eu tenha tambem as flores,
Dá-me, ó filha, os teus carinhos,
Não me dês os teus rigores.

De te ver sempre em meus sonhos,
Satisfeito já dizia
Que tu vivias em mim,
Que eu em ti é que vivia.

E n'esse engano tão cego
Deixei correr os meus dias,
Até que vi, accordado,
Que tu em mim não vivias.

Andas vestida a primor,
Fazes na rua um vistão.
Vejo com magoa que o luxo
Pode em ti mais que a razão.

Não extranhes pois, menina,
Que teu affecto rejeite;
Suppuz-te moça de tino,
Saes-me boneca de enfeite.

Que se eguale á minha amada
Não ha no mundo ninguem;
Da loira tem os cabellos,
Da morena os olhos tem.

E da morena e da loira
A mãozinha mais o pé;
Egual pois á minha amada,
Posso jurar, ninguem é.

Vi-te escriptos sobre o peito
Pregados por tua mão,
Escriptos em que dizias
Arrendar o coração.

Fui perguntar-te por quanto
Arrendarias tal prenda;
Mas retirei-me ao saber
Que muito grande era a renda.

Correm as nuvens no céo,
Correm as aguas no rio,
Correm por ti, ó ingrata,
Minhas lagrimas em fio!

Minhas lagrimas em fio
Já correm de tal maneira,
Que vejo até os meus olhos
Entrados n'uma cegueira.

Tenho no peito um amor
Como não tem toda a gente,
Maior amor do que o mar,
Quando o mar está na enchente.

Que, se o mar está na enchente,
Volta depois á vasante,
Ao passo que o meu amor
E' na grandeza constante.

Tristes dias vi correr
Sem me luzir uma esperança;
Se esses dias já mudaram,
A ti devo essa mudança.

Em quanto não me quizeste,
Como vivia não sei.
Só depois que tu me queres
E' que a viver comecei.

Nas pedrinhas da calçada,
Em que os pés costumas pôr,
De gosto poria os beiços
Em signal do meu amor.

Se os não ponho, é por ter medo
Das pedrinhas profanar.
Que pedrinhas que tu pises
São como pedras de altar.

N'este mundo que Deus fez,
Deseguaes os dias são:
Curtos, bem curtos, de inverno,
Muito compridos de verão.

Mas sem ti dias de inverno
Parecem dias de verão,
E os de verão ao pé de ti
De inverno penso que são.

Na cadeia dos teus braços
Achei-me um dia captivo,
E desde então, meu amor,
N'essa cadeia é que vivo.

E n'essa cadeia vivo
Com tanta satisfação,
Que já dei a liberdade
Em troca de tal prisão.

Tive em tempos coração,
Hoje não sei que isso é,
Que isso que foi coração
Soffreu tratos de polé.

Soffreu tratos de polé,
Passou lances deshumanos,
E, morto, jaz enterrado
Na cova dos desenganos.

Os teus risos, meu amor,
Para mim são manná doce;
Por teus risos dera a vida,
Se ella tua já não fosse.

Com teus risos, meu amor.
As minhas penas abrando,
E, quanto mais vejo rir-te,
Mais eu te vou adorando.

Tens tantas paixões n'um anno.
Como um anno mezes tem.
Mulher que tanto varía,
E' mulher que não convém.

E' mulher que não convém;
Pois doze paixões n'um anno
Devem por força deixar
Derrancado o peito humano.

Mudam os tempos com o tempo,
Muda a moça de affeições,
Muda o homem de pensar,
Mudam as quatro estações.

Mudam as coisas da vida,
Mudam os risos em dor —
Só essa tua frieza
Nunca se muda em calor!

Dei ao meu bem uma rosa,
Rosa de muito valor,
E o meu bem pôl-a n'um copo
Onde se achava outra flor.

Que de um rival era a flor,
Minha rosa adivinhou.
Por isso logo de mágoa
Dentro do copo murchou.

Fiquei de todo ás escuras
Em noite ventosa e feia;
Bati-te á porta e pedi
Luz para a minha candeia.

Com tal viveza me olhaste,
Que eu não sei bem o que vi;
Sei que na luz dos teus olhos
Minha candeia accendi.

Existem na silva espinhos,
Espinhos o cardo tem;
Sem que eu seja cardo ou silva,
Espinhos tenho tambem.

Espinhos como punhaes
Que me ferem por meu mal,
Espinhos que me nasceram
Dos ciumes de um rival.

Na tua cara tão branca,
Na tua cara de neve,
Consente, meu bem, consente
Que os beiços roce ao de leve.

Se os beiços roçar puder
Em cara de tal sainete,
Cuidarei, por ser de neve,
Que estou tomando um sorvete.

Meu coração era ha muito
Relogio por concertar,
Teus olhos deram-lhe corda,
Puzeram-n'o a trabalhar.

Puzeram-n'o a trabalhar,
Como o não punha ninguem.
Nunca vi relojoeiro
Como os teus olhos, meu bem.

Para que tu não te esqueças
De quanto eu sempre te amei,
Do seio, dizes, não tiras
A medalha que te dei.

Fico sabendo, menina,
Ao ver-te andar de tal sorte,
Que, se tens fraca a memoria,
Teu amor não tens mais forte.

Deante sempre de extranhos
Com elles mostras carinhos,
Mas toda tu és enfados
Quando ficâmos sózinhos.

Menina, muda de modos,
Não sejas, menina, assim.
Deixa enfados para extranhos,
Dá-me carinhos a mim.

Porque foi que desprezaste
O grande amor que te dei,
Quando sempre te quiz muito,
Muito sempre te estimei?

Se a mim as portas fechaste
Da tua esquiva ternura,
Porque foi que então me abriste
As portas da desventura?

O sol, ao ver com ciume
Essa luz do teu olhar,
Por mercê pediu a Deus
Dispensa do seu logar.

E Deus, não querendo que a terra
Se privasse de um pharol,
Deu-lhe a luz do teu olhar,
E dispensou a do sol.

Ao ver que sempre da sorte
Fui tratado com rigor,
Pensei mil vezes na morte
Para allivio a tanta dor.

Mas, ao pensar em morrer,
Minha razão hesitava,
Pois, deixando de soffrer,
Tambem de ver-te deixava.

A' janella do teu quarto
Uma rosa ha pouco vi,
Tão vermelha e tão bonita,
Que eu a beijal-a corri.

Mas, quando me approximei,
Diz-me a rosa, envergonhada:
— Melhor que beijos de rosa
São beijos da tua amada.

Comtigo estive enganado
Quasi que perto de um anno,
Desenganaste-me emfim —
Deus te pague o desengano.

Agora que te conheço,
Que sei ao certo o que vales,
Não temo novos enganos,
Origem de novos males.

Pelas encostas do monte
Os alegres namorados
De malmequer e papoilas
Andam fazendo braçados.

E, ao passo que elles festejam
Da primavera a chegada,
Vou eu juntando saudades
Na cova da minha amada.

Buscou-me um dia a Fortuna
Para alegre me propôr,
Se desejava ser rico,
Ou ter antes muito amor.

Que antes amor desejava,
Respondi com promptidão;
Que, se enche a casa a riqueza,
Enche amor o coração.

Tu deixaste-me, cuidando
Que corria atraz de ti,
Quando foi á tua ausencia
Que o meu socego devi.

Se, deixando-me, ganhaste,
Em perder-te não perdi;
Pois vivo agora feliz
Como d'antes não vivi!

Repartiste o coração
Por tanta gente, mulher,
Que dos seus varios pedaços
Nenhum te resta, sequer.

Vê se os pedaços que déste
Recolhes para os cerzir;
Que um coração bem cerzido
Talvez possa inda servir.

Com dynamite e com polvora
Não ha torre ou torreão,
Baluarte ou cidadella,
Que não desabe no chão.

Mas á dynamite e á polvora
Resiste, sem vir ao chão,
Essa dura e rija pedra
A que chamas coração.

Fui hontem ao cemiterio,
Cheio de magoa e de pranto,
Visitar a cova fria
D'aquella que adorei tanto.

E, ao deixar-lhe sobre a cova
Ramos de rosas em flor,
Ouvi dizer uma voz:
— Bem hajas, ó meu amor!

Toma lá estas perpetuas
Da linda côr do limão,
Conserva-as como lembrança
Da minha eterna affeição.

E, quando a tua affeição
A minha possa esquecer,
Que nunca deixo de amar-te,
Hão de as perpetuas dizer.

Quem uma chave me dera
Para abrir teu coração,
E ver assim os segredos
Que lá dentro d'elle estão!

Se os taes segredos eu visse,
Talvez pudesse affirmar
Que á conta de teus affectos
Ha muito que descontar.

Se creio no teu amor,
D'elle duvido tambem,
E, entre duvidas e crenças,
Vivo mal e vivo bem.

Vivo mal e vivo bem,
Ora rindo, ora chorando;
Pois, se crendo sou feliz,
Sou infeliz duvidando.

OS NOMES FEMININOS

Açucena

Que possa haver Açucena
Tão viçosa e tão bonita,
Como tu és, meu amor,
Ninguem de certo acredita.

Costumam ser açucenas
Flores de muito bom cheiro.
Quizeras tu, Açucena,
Fazer de mim teu canteiro!

Agatha

Pedras foram sempre as ágatas
De qualidade inferior.
Os brilhantes, por exemplo,
São pedras de mais valor.

Mas, ao contrario das ágatas,
Tu, minha moça galante,
Se Agatha foste no nome,
És no valor um brilhante.

Alegria

Para a gente ser feliz
E passar bem os seus dias,
As tristezas deita á margem,
Busca só as alegrias.

Por já ser de mim alegre,
Era feliz como um rei.
Comti o, que és Alegria,
Calcula então que serei!

Alta

Quem fôr alta não é baixa,
Tal é minha opinião;
A não ser que andem as coisas
A's avessas do que são.

Que andar assim ellas podem
Exemplo vivo tu és;
Pois, Alta sendo no nome,
De alta só tens quatro pés.

Alva

Branca luz, mal rompe o dia,
Por todo o céo se derrama;
Tem essa luz o teu nome,
Como tu, alva se chama.

Se, como tu, ella é alva,
Como ella, tu alumias;
Que a ti, ó Alva, é que devo
Não serem negros meus dias,

Amada

Ao ver que a tua familia
Te dava o nome de Amada,
Cuidei que o nome indicasse
Em amor coisa passada.

Mas, depois que te conheço,
Tornou-se o caso differente;
Pois, sendo Amada, és tambem
Minha amada no presente.

Amparo

A's creancinhas e velhos
Não nega amparo ninguem;
Amparo aos tristes se deve
E mais aos pobres tambem.

Tu, que muito bem podias
Taes exemplos imitar,
E's Amparo pelo nome
E não me vens amparar!

Angelica

Sendo em nome e côr Angelica,
Tens d'essa flor a pureza;
Ajuntar prendas tamanhas
E' caso para extranheza.

E' caso para extranheza,
Que as Angelicas assim
Raras vezes cá no mundo
Enfeitam nosso jardim.

Artemisia

As artemisias do campo
São ervas que amargam bem;
Tu, que Artemisia te chamas,
E's amargosa tambem.

Com tanto amargo até hoje
Nenhum moço em ti pensou.
Vê se te fazes mais doce,
Que o doce nunca amargou.

Augusta

Ao ver-te pobre e modesta,
Que Augusta fosses não cria,
Que só podem ser augustas
Pessoas de alta valia.

Como, porém, seja augusta
Qualquer rainha ou princeza,
Tu és augusta, por seres
Rainha pela belleza.

Aurora

Esse teu nome de Aurora
Nome foi muito aceitado,
Pois, quando tu appareces,
Fica o céo alumiado.

E tão bem alumiado
Como se fosse de dia,
Que nem mesmo a luz da aurora
Como tu tanto alumia.

Barbara

De teus dotes de bondade
Correm muito boas famas;
Com taes dotes, não percebo
Porque Barbara te chamas.

E's boa e chamas-te Barbara,
Nunca se viu coisa assim!
Vê se podes ser ao menos
Piedade para mim.

Beata

Mulher que vae a lausperennes,
Que tem linguinha de prata,
Que, rezando, mexerica,
Não tem que ver — é beata.

Por isso não me conformo
Que tu, que és boa e sensata,
Como as velhas onzeneiras,
Tambem te chames Beata.

Bemvinda

Se a minha amada se ausenta,
A chorar passo os meus dias;
Que, ausente da minha amada,
Vivo sem ter alegrias.

Mas, voltando a minha amada,
Logo deixo de chorar;
Que, Bemvinda ella já sendo,
Torna a sel-o por voltar.

Benigna

Se te falo com ternura,
Das minhas falas te ris;
Não sejas assim tão má,
Condóe-te d'este infeliz.

Olha que a minha affeição
Dos teus agrados é digna;
E, se Benigna te chamas,
Sê nos agrados benigna.

Benta

A' noite, quando rezares,
Nas orações que fizeres,
Dirás da Virgem Maria
Que ella é benta entre as mulheres.

Salvo o respeito devido
A' mais divina das mães,
Tu és benta entre as mulheres,
Pois de Benta o nome tens.

Bertha

Ao teu nome de baptismo
Tu não mostras muito amor;
Pois deixa estar, minha Bertha,
Que outro nome te hei de pôr.

De tantos bens rodeada
Por mim a vida terás,
Que de Bertha a *feliz Bertha*
Sem chrisma tu passarás.

Branca

Não sei qual é o motivo,
O' minha linda pequena,
Porque tu te chamas Branca,
Sendo de ti tão morena.

Morenas brancas não ha,
Morenas são o que são.—
Morena que seja Branca
E's tu só por excepção.

Callixta

Tiram callistas as dores,
Que os callos causam nos pés.
Tu, Callixta, de baptismo,
D'esses callistas não és.

D'esses callistas não és,
Com razão posso dizel-o.
Tu não tiras, causas dores —
Que o diga o meu cotovello.

Candida

Sempre cuidei que uma Candida
Devia ser boa e pura ;
Mas tu sahiste-me Candida
Que nunca teve candura.

Candida tu nunca foste,
Nunca foste, nem serás;
Que só de enganos e logros
Tens vivido e viverás,

Caridade

Manda a santa caridade,
Na lei christã que nós temos,
Que, depois de amar a Deus,
Tambem o proximo amemos.

Não te esqueças, Caridade,
Do santo preceito antigo—
Já que ao proximo pertenço,
Tem caridade commigo.

Casimira

Em te chamar Casimira,
Teu pae, que foi lavrador,
Parece ter antes sido
Alfaiate ou mercador.

Mas, sendo tu Casimira
De tecido cheio e firme,
Dá-me de ti um retalho
Que sirva para vestir-me.

Celeste

O Padre Nosso é celeste,
Pois lá nos diz a oração
Que nos céos o Padre Nosso
Tem a sua habitação.

Tu tambem, sendo Celeste,
Deves nos céos existir;
Portanto ao septimo céo
Faze-me um dia subir.

Clara

Já um sabio me affirmou
— Sabio de grande talento —
Que ao pinto dentro da casca
Serve a clara de sustento.

Como o destino quizesse
Que fosses Clara egualmente,
O pinto seja eu na casca,
Tu a clara que o sustente.

Clemencia

Muita vez passei por ti
Sem teus encantos notar;
E tu a minha cegueira
Prompta sempre em desculpar.

Ai! não fôras tu Clemencia,
Que já assim não andáras!
Pois ser Clemencia e mostral-a—
Isso é coisa das mais raras.

Collecta

Todos tremem de collectas,
Ninguem as quer, nem deseja,
Que a obrigação de as pagar
A nossa bolsa despeja.

Ha porém outras collectas
Que se acceitam de bom grado;
Por ti, amor, que és Collecta,
Quizera eu ser collectado.

Constancia

Quando me affirmas, jurando
Que tu te chamas Constancia,
Noto sempre estar comtigo
Esse nome em discordancia.

Na escolha d'esse nome
Houve, creio, extravagancia,
Pois, sendo tu inconstante,
Não devias ser Constancia.

Custodia

Custodia é tudo que serve
Para guarda e protecção.
Vê lá bem, minha Custodia,
Se ao teu nome dás razão.

Guarda o amor que me tens
Dentro do teu coração,
E protege-o de ti mesma
Contra qualquer tentação.

Dores

Ninguem conhece tristezas
Ao pé de ti, minha Dores,
Que o teu riso é tão alegre
Como um foguete de cores.

O teu riso as minhas penas
Logo de prompto desfaz—
E, vê lá tu, sendo Dores,
Só alegrias me dás.

Esmeralda

De tantas joias que existem
Cá pela terra habitada,
Nenhuma pode egualar
Esmeralda, a minha amada.

Esmeraldas, pedras finas,
Valem muito pela côr;
Esmeralda, a minha amada,
Vale bem mais pelo amor.

Esperança

Passam a vida a esperar
Pretendentes por mercê,
Raparigas por seus noivos,
E os pobres por quem lhes dê.

Eu, por mal dos meus peccados,
Vivo tambem a esperar:
Espero que tu, Esperança,
Esperanças me queiras dar.

Estrella

Em noites muito serenas,
Que bonito é ver os lumes
D'essas estrellas que Deus
No céo espalha aos cardumes!

A taes estrellas do céo,
Mais tres eu vou ajuntar:
A do teu nome, ó Estrella,
E as duas do teu olhar.

Eufemia

«Menina, como te chamas?
— Eufemia sou e mais nada.
«Que és femea sei; mas que nome
Tiveste ao ser baptisada?

— Que nome tive? O de Eufemia.
«Se o nome então não é peta,
«Vejo que serve ao teu sexo
«O nome de taboleta.»

Eva

Eu não punha as mãos no fogo,
Nem me atrevia a jurar
Que a ti, que és Eva, a serpente
Não tenha querido tentar.

Mas, aqui muito em segredo,
O que eu, ó Eva, te digo,
E' que a maçã saborosa
Quizera morder comtigo.

Fé

Com a fé por nossa parte
Se fazem grandes façanhas;
Que, segundo ouvi dizer,
A fé abala montanhas.

Abalar-te pela fé
Busco ha muito com ardor,
Mas vou vendo que tu, Fé,
Não tens fé no meu amor.

Fé, Esperança, Caridade

Fé, Esperança e Caridade
São tres bonitas irmãs,
A quem os nomes puzeram
Das tres virtudes christãs.

Quem dera a Fé me salvasse,
A Esperança promettesse,
E, por dó, que a Caridade
Seus carinhos me cedesse!

Felicia

A nossa vida é um jogo
Sujeito sempre ao azar;
Quando a *felicia* nos deixa,
Chega a *tumbice* a trotar.

Mas eu não temo a *tumbice,*
Por mais que seja atrevida,
Se tu, Felicia, me ajudas
N'este joguinho da vida.

Felicidade

Felicidade Perpetua
Te puzeram na egreja;
Faze, menina, que o nome
De bom agoiro me seja.

Se o teu nome não mentir,
Como creio que não ha de,
Terei, emquanto existir,
Perpetua felicidade.

Felisbella

Tens um nome, Felisbella,
Que não sei se te vae bem,
Que rara mulher existe
Feliz e bella tambem.

Ser bella já não é mau,
Ser feliz muito melhor;
Mas ser feliz e ser bella,
Esse é dos bens o maior.

Felismina

Eu não sei qual a razão
Porque a ti, minha menina,
Filha de paes que são pobres,
Te chamaram Felismina.

Felismina sem dinheiro,
Desculpa, não vale nada.
Feliz mina é só a mina
Que de oiro está rechea-la.

Generosa

Generosa! Quem souber
Que esse nome te foi dado,
Cuidará que esse teu nome
Por ti á risca é usado.

Em logar de generosa,
Bem mesquinha te fizeste;
Tão mesquinha, que até hoje
Nem um só beijo me deste.

Gloria

Todos sonham com a gloria,
Todos querem conhecel-a,
Mas poucos são os felizes
Que em vida chegam a vel-a.

Eu sou d'esses, pois que a vejo
Sem dar um passo d'aqui,
Que para a ver, minha Gloria,
Basta os olhos pôr em ti.

Guia

Nas solidões do mar alto,
Durante a noite sombria,
São as luzes de um pharol
Que aos barcos servem de guia.

Nas solidões cá da terra
Perdido ha muito andaria,
Se tu, ó Guia, não fôras
Quem me servisse de guia.

Hortensia

Eu bem sei que n'um jardim
Faz muita vista uma hortensia,
E que poucas são as flores
De tão bonita apparencia.

Mas hortensia quer dizer
Certa frieza em amor;
E para mim tu, Hortensia,
Retratas bem essa flor.

Ida

Não digas que vaes deixar-me,
Ida do meu coração!
Não me deixes, se não queres
Que eu morra ahi de paixão!

Não sejas Ida, não sejas,
Para mim sê antes vinda.
Bemvinda sejas, se é certo
Que bem me estimas ainda.

Innocencia

Innocencia, esse teu nome
Causa espanto a muita gente,
Pois, sendo tu Innocencia,
Nunca tu foste innocente.

Nunca tu foste innocente,
Nem creio venhas a sel-o.
Cá tenho minhas razões
Para assim poder dizel-o.

Iria

E's Iria! Que lembrança
Foi a que teve teu pae!
A meu ver, quem diz «iria»
Não sabe ao certo se vae.

Apesar d'isto que avanço,
Sempre te juro, ó Iria,
Que, para ver-te em meus braços,
Ao fim do mundo eu iria.

Iris

Se o arco iris apparece
Tarjado de vivas côres,
E' s gnal que Deus concede
Indulgencia aos peccadores.

Tu que tens o nome de Iris,
Que és tambem cheia de luz,
Um signal sê de indulgencia
A tanto amor que em ti puz.

Justa

Do direito fazer torto
E' coisa que não te custa,
Que nasceste para o mal,
Embora te chames Justa.

E' justa a moça que é séria
No que diz e no que faz.
Justa que torça o que é justo...
Vadé retró, Satanaz!

Linda

De feias Deus me defenda—
Que feias são invejosas;
Com lindas Deus me castigue—
Que lindas não são maldosas.

Entre as lindas, duas vezes
Tens direito a meus louvores,
Pois, já Linda pelo nome,
E's linda como os amores.

Lucia

Ao nome que tens de Lucia
Eu sei que ligas estima;
E, Lima sendo teu pae,
Tu vens a ser Lucia Lima.

Lucia-lima, por cheirosa,
E' planta que agrada bem;
Tu, Lucia Lima, por linda,
Muito me agradas tambem.

Luz

Já li n'um livro que o mundo
Sem luz não pode passar,
Que mal seria do mundo,
Se a luz chegasse a faltar.

Sem a tua luz, tambem
De mim não sei que seria,
Porque tu, ó minha Luz,
E's a luz que me alumia.

Luzia

Quando, ó Luzia, me davas
Toda a tua sympathia,
A pura luz de teus olhos
De luz meus olhos enchia.

Essa luz depois sumiu-se,
N'ella os olhos mais não puz;
E se luziu, ó Luzia,
Agora já me não luz.

Margarida

Teu nome, fica sabendo,
Passa por ser de valor,
Pois é no mar uma perola
E nos campos uma flor.

Ser uma flor e uma perola
E' coisa muito subida.
Ora, vê tu, quanto vale
Teu nome ter, Margarida!

Margarida

As margaridas que estão
Pelos campos espalhadas,
Para experiencias de amor
Costumam ser desfolhadas.

Tu és tambem Margarida;
Deus queira, pois, ó menina,
Que das outras margaridas
Tu nunca tenhas a sina.

Maria

O teu nome, cachopinha,
E' do povo e fidalguia;
Talvez não haja outro nome
Mais bonito que Maria.

Se é certo que esse teu nome
Serve a muita peccadora,
Maria tambem é certo
Chamar-se Nossa Senhora.

Maria da Graça

Dizem que os nomes que usâmos
Em briga comnosco estão;
Se n'isso existe uma regra,
A regra tem excepção.

Tem excepção — pois que tu,
Sendo Maria da Graça,
Em graça não tens no mundo
Moça que sombra te faça.

Marinha

Logo que soube teu nome,
Vi que o nome te convinha.
N'um paiz com tanto mar,
Tu devias ser Marinha.

Marinha, vê se me queres
Por marinheiro tomar.
N'essa Marinha, quem dera
Que eu me pudesse alistar!

Marqueza

E's filha de gente pobre,
Não pertences á nobreza,
Mas, sem armas nem brazões,
Pelo nome és já Marqueza.

Ao nome devia o titulo
Andar ligado tambem,
Pois tu, Marqueza, tens dotes
Que outras marquezas não tem.

Martha

A marta de fino pêlo
Tem unhas que são arpéos,
E com taes unhas rapina
As avezinhas dos céos.

Tu, Martha, podes passar
Por muito bonita e dextra;
Pois, com as unhas que tens,
Em caçar *patos* és mestra.

Maxima

Porque te chamas tu Maxima,
O' minha cabeça leve?
Maxima é dito de acerto
Que para ensino se escreve.

Maximas, dizem os livros,
São regras de bom viver.
Maxima, como tu és,
Não pode em maximas crer.

Mercês

Se em meus olhos sabes ler,
Se em minhas juras tu crês,
Não me negues teus affectos,
O' minha cara Mercês!

Se eu alcançar, como quero,
Que os teus affectos me dês,
De Mercês passo a chamar-te
A Senhora das Mercês.

Modesta

As modas ainda lá veem
Em casa de Deus servido,
E já tu andas pensando
Em fazer mais um vestido.

Com tal mania de modas
O nome que tens não presta—
Moça casquilha não deve
Chamar-se nunca Modesta.

Nazareth

Foi Nazareth da Judéa
Guia do mundo christão;
São teus olhos, Nazareth,
Guia do meu coração.

E, se foi da Nazareth
Que veiu a lei do perdão,
De teu amor, Nazareth,
Venha a minha redempção.

Pastora

Pastoras ha pela serra
Que são moças de feição;
Pastoras que os seus rebanhos
Tratam com muita affeição.

Por minha causa, Pastora,
Busca as da serra imitar;
E de mim faze o rebanho
Que tu leves a pastar.

Patrocinio

Teu nome de Patrocinio
Tem seu quê de enganador;
Pois noto que tu não queres
Patrocinar meu amor.

Vê que fazes, Patrocinio,
Ou tem modos mais humanos,
Ou então muda de nome
Para evitar os enganos.

Peregrina

Costumam ir peregrinos,
Em signal de contricção,
Fazer as suas romagens
A logares de devoção.

Tu, que já és Peregrina,
Do caso tira lição,
E vê se vens de romagem
Visitar meu coração.

Perfeita

Desde que sei que és Perfeita
Por teu nome de baptismo,
N'esse teu nome, Perfeita,
Dia e noite muito scismo.

Perfeita só é a moça
Que á sã moral se sujeita.
Moça que a moral despresa
E' tudo... menos perfeita.

Perpetua

Apesar de uma perpetua
Pouco valer como flor,
A perpetua significa
Muita firmeza em amor.

Mas eu conheço Perpetuas,
E Perpetuas de dois pés,
Que nunca foram perpetuas,
Qual em amor tu não és.

Piedade

Piedade é sentimento
Que denota compaixão;
O pobre, por piedade,
Pede a todos protecção.

Pobre tambem, Piedade,
Venho pedir-te um favor:
Que á risca sigas teu nome
E protejas meu amor.

Placida

Não pára nada comtigo!
Trazes tudo em movimento;
Onde tu entras, menina,
Deu entrada um pé de vento.

De vivo demonio seres
Tens fama por toda a parte;
Mas, sendo vivo demonio,
Placida foram chamar-te!

Prazeres

O teu nome de Prazeres
E' nome que muito mente;
Promette bem o teu nome,
E por fim engana a gente.

Engana a gente, sustento,
Por modos bem singulares,
Pois que, sendo tu Prazeres,
Não me dás senão pezares.

Preciosa

Tem uma loja de ourives
Muita joia valiosa,
Mas nenhuma joia tem
Que te eguale, ó Preciosa.

Como tu, posso jural-o,
Outras joias não conheço;
Que és por muito preciosa,
Joia tal que não tem preço.

Princeza

Parenta ou filha de reis,
Muito vale uma princeza;
Sempre é dama que na côrte
Se trata por: Sua Alteza.

Tu, Princeza de teu nome,
Da côrte não fazes parte;
Mas tomára uma princeza
Em perfeições egualar-te.

Prospera

De pequena só no mundo,
Contra a miseria luctaste;
Foste em mulher despresada
Por quem tu mais estimaste.

E, se bem que tenhas tido
Na vida muitos pezares,
Tu has de sempre ser Prospera,
Emquanto não te chrismares.

Prudencia

Quando eu quero estar comtigo
A falar alegremente,
Acodes logo a dizer-me
Que trate de ser prudente!

Antes de vir o conselho,
Devias ter reflectido
Que, lá emquanto a prudencia,
No nome só a tens tido.

Pura

Tua mãe chamou-te Pura —
Que idéa tão infeliz!
O juizo tinha a arder
Tua mãe quando isso quiz.

Se pura alguem te chamar,
Commette grande peccado,
Que tu és, Pura, tão pura
Como o vinho baptisado.

Pureza

Sendo a pureza uma prenda
Que nada tem de vulgar,
Já duas vezes, Pureza,
Em ti a pude encontrar.

Encontrei-a no teu nome,
No teu peito a encontrei;
Por tanto havel-a encontrado,
Sou feliz que nem eu sei!

Rainha

Cuidaste, minha menina,
Que espantado me deixavas,
Ao saber eu que, sem throno,
Rainha tu te chamavas.

Não me espantaste, Rainha,
Que as rainhas a valer
Jamais côrte, como a tua,
Tiveram nem hão de ter.

Rebecca

Tu, Rebecca, és boa moça,
Mas andas sempre zangada;
Rabeca fóra de tom
Precisa ser afinada.

Para afinar-te, Rebecca,
Tens em mim arco de geito,
Que as cordas do coração
Eu toco muito a preceito.

Resgate

Resgate, minha Resgate!
Vê se me vens resgatar,
Que podem só teus carinhos
Estas algemas quebrar.

D'esses teus olhos tyrannos
Meu captiveiro provém.
Se no teu nome és Resgaste,
Nas obras sê-o tambem.

Romana

Sei muito bem que nasceste
Na calçada de Sant'Anna,
E, sendo tu de Lisboa,
Foram chamar-te Romana!

Romana sem ser de Roma
E' coisa que eu bem não ligo...
Mas, emfim, se me quizeres,
Serei romano comtigo.

Rosa

Entre os nomes conhecidos,
Gosto do teu, meu amor;
Esse teu nome de Rosa
E' nome proprio de flor.

Para Rosa te chamarem
Razão houve em teus padrinhos,
Pois sahiste rosa em tudo —
Até rosa nos espinhos.

Santa

Não atino porque és santa,
Por mais que fique a pensar,
Que, santas como tu és,
Santas não são para altar.

Santa assim tão pouco santa,
E' caso muito curioso.
Sabes, Santa, o que tu és? —
Santa de pau carunchoso.

Sara

Sara te foram chamar,
Sara é nome de feição;
Vê se me saras, ó Sara,
As feridas do coração!

Se as feridas do coração
Ai! tu me saras, ó Sara,
Entre as raras enfermeiras
Ficarás sendo a mais rara.

Saudade

Se penas são as saudades
Que enchem o peito de dôr,
Como não hei de eu penar,
Se é Saudade o meu amor?

Ai! Saudade, se eu pudesse,
Tinha-te o nome trocado—
Que é ja saudade bastante
Viver de ti apartado.

Serafina

A cera fina por si
Não tem lá grande valor;
A cera fina derrete
Posta que seja ao calor.

Comtigo, que és Serafina,
O caso fica invertido,
Pois tens em ti o calor
Que a mim me traz derretido.

Severa

Com esses modos tão sérios
E's mais séria que um juiz;
Eu punha as mãos n'umas horas
Em como nunca te ris.

E, como nunca te ris,
O nome fica-te bem:
Chamar-se deve Severa
Quem tão severa é tambem.

Thecla

N'esse nome que te deram
Não ha razão de louvor.
Thecla é nome que jámais
Em linda moça vi pôr.

Sómente um meio conheço
D'esse teu nome acceitar —
Deixa-te ser tu a tecla
Na qual eu possa tocar.

Urbana

Urbana é toda a pessoa
Que sabe estar n'uma sala,
Que as suas portas não fecha,
Quando alguem vae visital-a.

Menina, tu sendo Urbana,
D'estas coisas não te importas,
E, se falo em visitar-te,
Pões logo tranca nas portas.

Valeriana

A vida passo a dar ais
Por ti só, Valeriana,
Em quem penso a cada instante
Sete dias na semana.

Já que as ervas do teu nome
São ervas medicinaes,
Imita-as, Valeriana,
Cura tambem os meus ais.

Veneranda

Se a chamar-te Veneranda
Oiço ás vezes tua avó,
Fico-me a rir, que o teu nome
Lembra velha de chinó.

Se podem ser Venerandas
Moças novas e traquinas,
Talvez que a velhas sem dentes
Caiba o nome de meninas.

Veronica

Fica sabendo, Veronica,
Que o nome que tens é planta,
Sorte de capa nos toiros,
E painel de imagem santa.

Cá por mim, sómente á planta
Dedico a minha amisade,
Pois, como tu, essa planta
Quer dizer: fidelidade.

Victoria

Nas luctas que tem a vida
Não temo ser derrotado,
Se tu, Victoria, quizeres
Achar-te sempre a meu lado.

Comtigo ao lado, Victoria,
Muda-se o medo em valor;
Comtigo, em vez de vencido,
Serei até vencedor.

Violeta

A cheirosa violeta
Não gosta de se mostrar.
Tu tambem, ó Violeta,
Só tratas de te occultar.

Imitando aquella flor,
Viver na sombra te apraz—
Quem mais vale, quasi sempre,
E' quem menos vista faz.

Fructos da experiencia

I

Quem só tenha o necessario,
Não estrague os seus dinheiros,
Que as altas cavallarias
São para bons cavalleiros.

Amigos maus que não prestam
Ninguem queira ao pé da porta
Amigos só para vista
Que se percam—pouco importa.

Rosa cortada á roseira
Depressa perde a frescura.
Filha roubada a seus paes
E' rosa de pouca dura.

Moça creada na rua
Nunca serviu para freira.
Não ha gallinha de campo
Que se amolde á capoeira.

Quem não ama — vive triste;
Quem ama — sente alegria.
Jogos de amor para amantes
São como o sol para o dia.

De feias mães nascem filhas
Bonitas como os amores.
Cardos do monte — e são cardos —
Tambem se cobrem de flores.

Não se pode ver a sério
Uma velha apaixonada.
As paixões fóra de tempo
São como a fructa sorvada.

Quando da estrada real
Um dia se afasta a mãe,
Quasi sempre d'essa estrada
Se afasta a filha tambem.

Riqueza mal adquirida
Nunca deu bom pago ao dono.
Vale mais ser pobre honrado,
Dormindo em paz o seu somno.

Para evitar as dentadas
Da ruim maledicencia,
Convém de roupas lavadas
Trazer sempre a consciencia.

Homem rico e mandrião
Não passa de um espantalho.
Antes pobre que madruga
E vive do seu trabalho.

Não queiras prender de novo
Os laços que o tempo solta.
Amor que foi, já não é,
Amor que foi, já não volta.

Quem gastar como estragado,
Fica a pedir dentro em breve.
Quem viver saiba com prumo,
Não gasta mais do que deve.

Em solteira não te queriam,
Querem-te agora em casada —
Fructa que tem quem a guarde
E' sempre a mais desejada.

Dos doze mezes de um anno
O anno que segue se adorna;
Os mezes dão em tornar,
Um anno que vae não torna.

Matam-se uns por seus amores,
Outros por sua má sorte.—
Quem saiba á dor resistir
Não se mata — espera a morte.

O pedante julgou sempre
De um sabio ter a cabeça. —
Não ha cego que se veja,
Nem tolo que se conheça.

Quando a miseria apparece,
A virtude vae-se embora.
Virtude a par da miseria
Na mesma casa não mora.

Se é um sol de primavera
A ditosa mocidade,
Tão lindo sol tem por manchas
As fraquezas d'essa edade.

Velhice, se não é bem
Que tenha de ser louvado,
Por tornar a vida longa,
Velhice é mal desejado.

Homem brando e sem malicia
Fuja de andar com velhaco —
N'este mundo quebra sempre
A corda pelo mais fraco.

Se amigo teu por dinheiro
Te fôr á porta bater,
Não abras — se tu não queres
Dinheiro e amigo perder.

Mulher que esconde na rua
As feições com a sombrinha,
Se não tem pudor fingido,
Para a velhice caminha.

A quem te peça emprestado,
Responde «não» sem demora.
Perde sempre quem empresta,
Quem empresta não melhora.

Nunca sejas preguiçoso,
Não caias n'essa fraqueza;
Repara bem que a preguiça
E' a chave da pobreza.

De fingida castidade
Cobre a devota as acções;
Mas a carne é tentadora...
E ella cede ás tentações.

E' moinho de palavras
O falador encartado,
Fala sem ter que dizer,
Rebenta se está calado.

Dar esmola a quem precisa
E' obra de caridade;
Mas quantas vezes a esmola
Serve de capa á vaidade!

Enche a bocca de grandezas,
Fala aos pobres com desdem;
E, mais pobre que os mais pobres,
Ninguem queira o que elle tem.

Tanto canta a mãe ao filho,
Que elle adormece afinal.
Ai! Deus vos pague, mulheres,
O vosso amor maternal.

Pai e mãe vestem de lucto
Por sua filha abalar;
E, se o pae maldiz a filha,
A mãe pensa em perdoar.

Quem rouba um pão por ter fome
E' mettido na cadeia;
Quem rouba contos de réis
Na rua á solta passeia.

Ampara tanto o que pede,
Como aquelle que padece.
Quem se presta a fazer bem,
Que bem lhe queiram merece.

Antes viver na miseria
Sem nunca ter um regalo,
Que em sonhos só ver o bem,
Que só em sonhos gozal-o.

Casou com moça fidalga,
Paz não teve no casal.
Para o noivo ser feliz,
Casasse com sua egual.

Amor de moça zelosa
E' amor que não agrada;
Faz lembrar festa de gato
Que deixa a pelle arranhada.

Por alma de pae ou mãe
Jura sempre com prudencia;
Que juras taes, sendo falsas,
Pesam bem na consciencia.

Já namorava aos dez annos
E solteirona envelhece. —
Nem por muito madrugar
E' que mais cedo amanhece.

O riso é contra-veneno
Das nossas horas de tedio. —
Quem se queira distrahir,
No riso busque o remedio.

Esta engana o seu amor,
Passando por muito honesta;
Aquella, sendo fiel,
A fama não gosa d'esta.

Mulher tola e presumida
Não serve para ninguem;
E' vinha com muita parra
E que uva quasi não tem.

A moça que pespegada
Na janella os dias passa,
Não é moça que se estime,
E' boneca de vidraça.

Para poder figurar
Em theatros e funcções,
Põe no prego quanto tem,
Passa em casa privações.

Deus nos livre da beata
De contas sempre na mão,
Que tem na bocca doçuras
E só fel no coração.

De frente, se ellas se encontram,
São beijinhos de ternura;
Nas costas, põe uma a outra
Pelas ruas da amargura.

Não abras o peito a quem
Tudo que faz te contar.
Não guarda alheios segredos
Quem não sabe os seus guardar.

A vida. por mais que o neguem,
E' simples jogo de azar:
Poucas horas para rir
E muitas para chorar.

Gasta á larga, todos cuidam
Que em casa tem um thesoiro.
Não fiar nas apparencias,
Nem tudo que luz é oiro.

Viver no mundo enganado
A todos muito convém,
Que o não dar pelos enganos,
Em vez de um mal, é um bem.

Era pobre, mas finorio,
Foi casar com velha rica.
Morre a velha, e de contente
O viuvo a pular fica.

Moça que está sempre aos ais
Para mulher ninguem queira;
E' ter de portas a dentro
Lamurias e choradeira.

Morre um homem de saber,
Não deixa real de seu. —
Vê-se a miudo o contrario,
Se é um tolo que morreu.

Sempre a beber, a jogar,
Não tem vergonha nem brio!
E a pobre mãe a negar
Que o filho seja um vadio!

Amor proprio tem desculpa,
A soberba não a tem.
Má e ruim, a soberba
Não dá carinho a ninguem.

Mulher posta a condemnar
As faltas de outra mulher,
E' que as suas proprias faltas
D'esse modo encobrir quer.

Moça dada a garridices,
Não pode á sorte fugir;
Se aqui de manso escorrega,
Vae de todo além cahir.

Por variar, a casada
E' que pecca muita vez;
Mas, depois de variar,
Tem remorsos do que fez.

Homem de bem que precise,
A custo arranja dinheiro;
Tem sempre então quem lhe acuda
Homem que fôr caloteiro.

Anda á caça o caçador,
Perde mezes n'essa lida;
Mas a caça vôa de alto,
Porque é muito precavida.

Procura ser serviçal
Inda que isso te incommode.
Com esforço e com vontade
Faz mais quem quer que quem pode.

De tomar o passo aos outros
Não te louves, nem te gabes;
Olha que o sol, quando nasce,
E' para todos, bem sabes.

Que pesada que é a vida
Para quem muito padece!
Se a morte chega em taes casos,
A morte allivio parece.

Os filhos, quando creados,
Abalam, fogem aos paes.
Deus manda que seja o homem
Como os outros animaes.

Se para ricos a vida
E' um bem bem desejado,
E' para pobres a vida
Um fardo muito pesado.

Desfaz-se o moço em finezas
Que a moça não lhe agradece.
Sempre o mundo foi assim:
Quem mais faz menos merece.

Quem um dia se casou
Não pode voltar atraz.
Casamento fórma um laço
Que só a morte desfaz.

Muitos pensam, quando casam,
Ser um bem o casamento;
Alguns vão depois sabendo
Que o bem se muda em tormento.

Deus ajude os ricos bons,
Que dão esmolas aos centos;
E que vão para as profundas
Os ricos maus, avarentos.

Dos amantes e dos paes
Que diversos são os beijos!
Os dos paes dizem ternura,
Os outros marcam desejos.

Marido bem comportado
Anda ás ordens da mulher;
Marido que é valdevinos
Faz por fóra o que bem quer.

O nosso olhar é espelho
Do que sente o coração.
A bocca pode mentir,
O nosso olhar é que não.

Menina sem ter namoros,
Ou em amor é noviça,
Ou tão feia é de feições
Que nenhum moço a cobiça.

Dizem que a vida é um sonho —
Quem dera fosse verdade!
Que não sentira quem sonha
A triste realidade.

Inconstante sendo a moça,
De inconstante o moço alcunha.
Ella propria faz o mal
E depois a caramunha.

Mulher que, emquanto foi nova,
Peccou de muita maneira,
Cuida em velha o céo ganhar
Pondo um Christo á cabeceira.

Casam moças bem bonitas
Com velhos quasi dementes.
E' assim que dá Deus nozes
A'quelles que não têm dentes.

Sobre a cova do seu bem
Passa os dias a chorar.
Quanto mais a dor é grande,
Mais a dor custa a sarar.

E' sempre a muita pobreza
Origem de nossos males.
Bem diz por isso o rifão:
Se pouco tens, pouco vales.

Quanto mais em seus amores
São amantes infelizes,
Mais crescem esses amores,
Mais elles deitam raizes.

Sê homem de boas contas,
Vive com todos em paz,
Que, seguindo este preceito,
Nunca remorsos terás.

Mostra o moço confiança
Nas promessas do seu bem;
E o seu bem vive ás occultas
Com outro moço que tem.

Se vives rico, és prendado,
Andas até nas palminhas;
Se dás em pobre... acabou-se!
Foram-se as prendas que tinhas.

Feitos quarenta, a mulher
Trata os annos de esconder.
A mulher, quanto mais velha,
Mais nova quer parecer.

Quem deveras tem valor
Não faz d'isso galardão,
Que o valor, como o bom vinho,
Escusa deitar pregão.

Fica bem ser valoroso,
Nunca ceder ao temor;
Mas é oiro sobre azul
Unir prudencia ao valor.

De dois irmãos n'uma casa,
Sae um bom, mau outro sae.
Chega a morte, leva um d'elles—
O que é mau não é que vae.

De rochas feias e núas
Rompem as aguas mais puras;
De peitos rudes e toscos
As affeições mais seguras.

E' fiel o cão ao dono,
Ao dono muito bem quer.
No cão encontra-se ás vezes
O que recusa a mulher.

Da parreira sae o cacho,
Do cacho se faz o vinho,
E quem do vinho abusar
Aos bordos segue o caminho.

Loira que, sendo bonita,
Nem graça, nem vida tem,
E' como vaso de prata
Que plantas murchas contém.

Morena que não mostrar
Nos seus olhos dois clarões,
Por falta de luz não pode
Incendiar corações.

Se é certo que muitos homens
São em amor desleaes,
D'essa doença ha mulheres
Que inda soffrem muito mais.

Choram pobres, choram ricos,
A dor não poupa ninguem.
Cada qual sente o seu mal,
Conforme a sorte que tem.

Quem fôr pobre, em noiva rica
Não ponha nunca o sentido.
Noiva rica, unida a pobre,
Faz muleque do marido.

Rouxinol cantava á solta,
E na gaiola calou-se.
A prisão é sempre amarga,
Nada a pode tornar doce.

Trata o fingido a familia
De maneira secca e dura;
Porém deante de extranhos
Mostra á familia ternura.

Aqui os sinos alegres
Repicam a baptisado:
Além outros sôam tristes
Dobrando por um finado.

Lindos rapazes a queriam,
Foi o mais feio escolher. —
Guardado está o boccado
Para quem o hade comer.

Das bonitas raparigas
Toda a gente gosta bem;
Das feias... livre-nos Deus
Para todo o sempre, amen!

Feias mesmo as raparigas,
Não se devem despresar,
Que são as feias que fazem
As bonitas realçar.

Porque a moça o despresou,
Anda triste o namorado.
Tristezas não pagam dividas,
Como lá diz o dictado.

Se a mulher que te pertença
Enganar-te desejar,
Por mais que tu te acauteles,
Sempre ella te ha de enganar.

Vê se fazes n'um mez só
Trabalho de muitos mezes.
Candeia que vae adeante
Alumia duas vezes.

Se orgulho em gente educada
Já não tem razão de ser,
Em gente bruta é defeito
Que muito custa a soffrer.

Ninguem conte ver o premio
Dos serviços que prestar.
Serviços, depois de feitos,
Raro tornam a lembrar.

Quer fugir á tentação,
Na tentação por fim cae!
Tambem as borboletinhas
Morrem na luz que as attrae.

A velha finge ser nova
E o avarento esmoler.
Presumpção e agua benta
Cada qual toma as que quer.

Menina de olhos bonitos,
Foge de quem te enfeitiça,
Que a virtude nas mulheres,
Como o vidro, é quebradiça.

Duvidae, moças, dos homens
Que promettem casamentos.
São quasi sempre só isca
Esses taes promettimentos.

Menina que, ao ver os homens,
Foge muito assustadiça,
E' menina quasi sempre
De castidade postiça.

Amor de moça tontinha
E' amor de mangação;
Se nos diz hoje que sim,
Ámanhã diz-nos que não.

Quanto mais atraz do bem
Nós vamos todos correndo,
Mais o bem nos vae fugindo,
Mais vamos nós padecendo.

Lá porque a moça cahiu,
Que borborinho que vae!
Pois tambem no melhor panno
A's vezes a nodoa cae.

As sinceras alegrias
A' nossa porta não moram:
Por um sómente que ri,
Contam-se aos mil os que choram.

De modos adocicados,
Parece não quebra um prato;
Mas, se as falas são de santo,
Tem unhas que são de gato.

A quem te empregue a lisonja
Nunca dês a tua estima,
Que a lisonja é um veneno
Com capa de mel por cima.

Uns vivem quasi que nús,
Faltos sempre de agasalho;
Outros desfructam heranças
Alcançadas sem trabalho!

Se vae amor no começo,
Que ternura entre os amantes!
Passados mezes por cima...
Ai! já não é como d'antes!

E' santa posta em altar
A mulher emquanto amada.
Morto o amor, a mulher
Mal fica sendo lembrada.

O rabujento do velho
Condemna quanto se faz.
Não quer o velho lembrar-se
Do que elle fez em rapaz.

Pessoa que muito ri
Custa a crer que seja esperta.
O muito rir é de tolo —
Quem muito ri, pouco acerta.

Se do seu bem mal lhe dizem,
Responde que é falsidade,
Cego, não vê que o seu bem
Nunca lhe fala a verdade.

Na bonita a presumpção
E' fraqueza e mais não disse;
Mas na feia essa fraqueza
Muda de nome — é tolice.

Velho que moças pretende,
Anda falho de razão;
Quem a ser velho chegou,
Tranque a porta ao coração.

Não é muito de temer
Falador que não se cala;
Peor o cão que não ladra
Ou homem que pouco fala.

A nossa vida não passa
De uma eterna contradança;
Cada par que n'ella entrou
Só na morte é que descança.

Não imites gastadores
Que ao vento seus bens espalham.
A trabalhar vae poupando;
Deus ajuda os que trabalham,

Se em teia de esperta aranha,
Cahida a mosca não sae,
Mal d'aquelle que nos laços
De mulher esperta cae.

Não tenhas pressa, menina,
Em prender o teu carinho.
Amor que vae apressado
Cança a meio do caminho.

Gostou a moça do velho
Por elle ter muita prata.
Moça com velho casada,
Como velha é que se trata.

Privou-se durante a vida
De gosar quanto ganhou:
Morre um dia — vae o filho,
Dispende á larga o que herdou.

Invejado é todo aquelle
Que riqueza á farta gosa.
Se a inveja fosse tinha,
Muita gente era tinhosa.

Não deites pela janella
Quanto ganhes em rapaz;
Se em rapaz guardar souberes,
Em sendo velho acharás.

Para o marido tremer,
Basta a mulher encaral-o.
Triste a casa onde a gallinha
Canta sempre em vez do gallo.

A ser amparo dos pobres
Os seus regalos prefere.
Quem não vê o mal dos outros,
Que o seu vejam não espere.

Nenhuma dor que mais custe,
Nem lance mais apertado,
Que sentir no mal presente
Lembranças do bem passado.

Quem de amor traga o sentido
Occupado a toda a hora,
Por mais gente que ande a ver,
Sómente vê quem adora.

Que o mundo é cheio de embustes
Já não duvída ninguem;
São muitos n'elle os velhacos,
Poucos os homens de bem.

N'estes tempos em que todos
Buscam sómente a riqueza,
Vale mais velha abastada
Do que moça com belleza.

Despresou-te a rapariga
Pela pobreza que tens.
Bem recebido serias,
Se foras rico de bens.

Quem canta seu mal espanta,
Que o cantar a dor minora;
Só quem nunca teve pae
E' que, em vez de cantar, chora.

Fuja de más companhias
Quem viver queira estimado;
Antes só, como se diz,
Do que mal acompanhado.

Filho que os paes envergonha,
Vivendo como um perdido,
Mais valêra que em pequeno
Tivesse logo morrido.

Não consente o gastador
Que lhe digam que o seu zéle;
Pois quem lobo não quer ser,
Do lobo não veste a pelle.

Emquanto que o descuidado
Perde tempo no caminho,
Só procura o cuidadoso
Levar agua ao seu moinho.

Quem tem filhos tem cuidados,
Tem-n'os quem ama tambem;
Triste vida a nossa vida
Que tantos cuidados tem!

Muito gasta a lima o ferro,
Sendo o ferro metal forte.
Amor, quando verdadeiro,
Só se gasta com a morte.

Se algum rapaz a requesta,
Vae do rapaz desdenhar —
A coisa é velha e sabida:
Quem desdenha, quer comprar.

Amigos são aos milhares,
Emquanto á farta vivemos;
Se chega um dia a miseria,
Amigos nunca mais temos.

Sara-se o moço atacado
De uma grande enfermidade;
Mas não ha droga que sare
Quem tenha o pêco da edade.

Escutar o que se diz
Não é coisa que se louve;
Não escutes, pois que ás vezes
Quem escuta de si ouve.

A mulher é um mysterio,
Ninguem entende a mulher,
Pois quer agora uma coisa
Que vae depois já não quer.

Ella seguiu seu destino,
Deixou a mãe triste e só;
Quando de novo tornou,
A pobre mãe era avó.

Quem viva triste e quizer
Suas penas abrandar,
Peça allivios á guitarra
N'uma noite de luar.

Destilla tanta peçonha
A bocca de um maldizente,
Quanta peçonha destilla
A bocca de uma serpente.

Entre os mortaes um existe
Que nenhum descanço logra:
E' o pobre do marido
Que tenha de aturar sogra.

Amor sério e de paixão,
Na nossa vida, ha só um.
Quem conta muitos amores,
Não gosta bem de nenhum.

Em amor, um atrevido
Conseguiu fazer n'um mez
O que um tolo presumido
Durante mezes não fez.

Quem dos altos de uma serra
Olhar os sitios mais baixos,
Vê como sombras os valles,
E os rios como riachos.

Custa menos a soffrer
Uma dor que prompto mata,
Que as penas de amor soffridas
Pelas traições de uma ingrata.

As velhas pensam no céo,
Já que os homens não as querem;
As moças pensam nos homens
— Céo que a tudo ellas preferem.

De usurarios avarentos
Nunca os pobres andem juntos;
Não vale a pena gastar
Cera com ruins defunctos.

Ninguem estima a saude;
Mas, quando chega a doença,
E' na perdida saude
Que mais com mágoa se pensa.

Fios de oiro os seus cabellos
Quando elle a viu em rapaz.
Hoje são fios de prata —
Mudanças que o tempo faz!

Pode o moço, mas não sabe —
Que os moços vivem de enganos;
Sabe o velho, mas não pode —
Que o vigor quebram os annos.

Para bem longe as paixões
Que o socego nos destroem;
Paixões taes são como cardos:
Tem seus espinhos que dóem.

Os moços acham que o tempo
Caminha bem devagar;
Os velhos, que elle se some
Como o pó que anda no ar.

Tem sempre façanhas novas
A contar um gabarola;
Como aos palhaços de feira
Nunca lhe secca a parola.

Elle grita contra o jogo
Que tantas desgraças faz;
E jogando é que elle perde
Todo o dinheiro que traz.

Com pombinhas e canarios
Gasta a velha quanto tem;
Pobre que á porta lhe bata
Nnnca lhe apanha vintem.

O velho é sempre egoista,
Nem pode deixar de sel-o,
Que os ingratos lhe puzeram
O coração como gelo.

Não julgues ser o dinheiro
Grande bem, como se diz:
O dinheiro só por si
Não torna a gente feliz.

Se agora, que é feia e velha,
Fazem-lhe ao vel-a uma figa,
Qne de festas lhe fizeram,
Emquanto foi rapariga!

Em casa tem muito luxo,
A' meza grande fartura;
Mas, quantos são os logrados
Para assim fazer figura!

E' lojista afreguezado,
Ganhou fama de honradez;
Mas, á sombra d'essa fama,
E' que elle engana o fréguez.

Em trapeiras muitas vezes
Vivem os homens de bem;
Em palacios com riqueza
Os que vergonha não tem.

Quem for honrado, não queira
Da politica acercar-se,
Que só n'ella faz carreira
Quem de honrado se disfarce.

Em geral a mulher má
E' mulher feia tambem;
Caras que Deus fez bonitas
São caras dadas ao bem.

Aos homens, emquanto vivos,
Sempre se notam defeitos;
Mortos, passam todos elles
A ser alvo de respeitos.

Não se entende que em amor
Possa partilha existir;
Quem bem ama, dá-se todo,
Não se está a repartir.

Emquanto ninguem faz caso
De quem é bom e pacato,
Um malfeitor nas gazetas
Apanha artigo e retrato.

Se um raminho de alfazema
Desconfiança annuncia,
Dê ao seu bem alfazema,
Quem do seu bem desconfia.

Moça garrida e vaidosa,
Por mais pobre que ella seja,
Aos enfeites não resiste,
Andar á moda deseja.

Se um amor, longe da vista,
Longe está do coração,
Amor que ausente resista
E' amor de perfeição.

Rouba o proximo, e censura
Os que seguem tal caminho;
Quem tem telhados de vidro,
Não atira aos do visinho.

Por fóra, em jogo e mulheres
O seu dinheiro se some;
Em casa, a pobre familia
Quasi que estala de fome.

Se dos tempos que passaram
Os velhos falam sómente,
E' que a vista ja cançada
Não lhes alcança o presente.

Em moça tratava os moços
Com requintes de ternura;
Em velha reza nas contas
E as moças ternas censura.

De promessa feita a pobre
Não te mostres esquecido;
A pobre nunca promettas,
Que o promettido é devido.

Não peças dinheiro a rico,
D'elle evita esse favor;
A rico nunca tu devas,
Rico é mau para crédor.

Elle diz que nenhum homem
De o desbancar é capaz;
Elogio em bocca propria
Não aboua quem o faz.

Só pode amor existir
Se da paixão o cercaes —
Arrefecida a paixão...
Adeus, amor que te vaes!

Homem de rudes franquezas
Não se acceita de vontade;
A lisonja enganadora
Tem mais valor que a verdade.

Em serviços elle affirma
Que o não excede ninguem;
Quem tanto fala em serviços,
Faz pensar que nenhuns tem.

Seguem as quatro estações,
Conforme o tempo as altera;
Só amor, se é verdadeiro,
Não passa da primavera.

Uma dor que muito dóe
E' a dor da ingratidão;
A ingratidão é peçonha
Que envenena o coração.

Ao maldizente aconselham
Que deixe de maldizer;
Quem maldizente nasceu,
Maldizente ha de morrer.

Menina, em dias de vento,
Vê como vaes e por onde;
O vento é muito indiscreto,
Deixa ver o que se esconde.

Moça que fôr casadeira
Seja meiga no falar;
Moça em busca de marido
Não deve a caça espantar.

Nos lances da nossa vida
Peccâmos pelos extremos;
Argueiros vemos nos outros,
Em nós a tranca não vemos.

Velho muito alcachinado
Quer por noiva mulher nova;
Para velho em tal estado
Uma noiva só — a cova.

Ha moças de maus costumes
Que por sérias são tomadas;
Outras ha que, sendo sérias,
Andam sempre aboccanhadas.

Quem da vida passa os annos
Do mal de amor atacado,
Nunca dá pelos enganos,
Por mais que seja enganado.

Cuidou que a moça o quizera
Por ser bonito e solteiro;
Vae ella quil-o sómente
Por ser tolo e ter dinheiro.

Meninas de pouca edade
Buscam noivos á porfia.
Esperem... tenham paciencia,
Roma não se fez n'um dia.

Em pequenos, todos querem
Depressa a homens chegar;
Depois de homens, a pequenos
Todos quizeram voltar.

Moça com velho casada
A sua sorte maldiz,
Que nunca fez a velhice
A mocidade feliz.

Em laços de parentesco
Ninguem pode confiar.
Se parentes ha que prestam,
Muitos mais ha sem prestar.

A mulher, quando ella é pobre,
Deixa ás vezes de ser séria;
Mas d'esse mal a culpada
E' quasi sempre a miseria.

A mulher remediada,
Que passa vida feliz,
Se peccou, foi por vontade;
Se cahiu, foi por que quiz.

Fala em tudo de cadeira
Com basofia e com aprumo —
Quem fôr de perto espremel-o,
Não lhe tira nenhum sumo.

Se o riso serve na bocca
De disfarce a muita gente,
O chôro que vem do peito —
Esse é leal, nunca mente.

De seus filhos pequeninos
Não se importam muitas mães;
Vivem então satisfeitas
Entre gatinhos e cães!

Dormem velhos, dormem novos,
Dormem até faladores;
Mas, tantos sendo os que dormem,
Não dorme quem tem amores.

Um ingrato nunca deixa
De o beneficio esconder —
Não vale a pena servir
Quem não sabe agradecer.

Se muito custa a subir,
A descer as coisas mudam. —
Bem se diz que para baixo
Todos os santos ajudam.

Desconfie bastante a moça
Dos ardis de moço esperto;
Como a lebre, deve a moça
Dormir sempre de olho aberto.

Nariz de cêra com todos,
Com todos de accordo está.
Quem não tem idéas suas,
Triste idéa de si dá.

Trahido por sua amante,
Em casa a deixa fechada. —
Só na porta se põe trancas,
Depois da casa roubada.

Amigo dizendo a todos
Que a todos quer muito bem,
Lembra amigo de Peniche
Sem amisade a ninguem.

Se entre amantes se chegou
A perder de todo a fé,
Trabalhar por que ella volte,
E' remar contra a maré.

Bonita moça tem sempre
Quem lhe passe pela porta;
Se deixa de ser bonita,
Ninguem mais d'ella se importa.

Muitos levam toda a vida
A fortuna a procurar,
E da vida se despedem
Sem a fortuna encontrar.

Quem se vende por dinheiro
Não tem brio nem pudor;
E, se anda mal quem se vende,
Bem não anda o comprador.

Mulher feia que se pinta
Nada ganha na pintura,
Que não supprem arrebiques
O que nega a formosura.

Sendo feia a sua amada,
De que é feia elle se esquece. —
Quem ama o feio, é sabido
Que bonito lhe parece.

Corre mais do que uma setta
Um comboio em movimento;
Mas, por muito que elle corra,
Corre mais o pensamento.

Entre creanças e velhos
Ha pontos de semelhança;
Se o velho amparo requer,
Requer amparo a creança.

Que saudades sente um filho
Ao ver o pae morto já! —
E' depois do bem perdido
Que mais valor se lhe dá.

Não vê o moço que a moça
De enganal-o não se emenda. —
A quem ama, põe amor
Sobre os olhos uma venda.

Se viuva requestares
D'ella buscando estar junto,
Não te esqueças que um rival
Terás sempre no defuncto.

De um prégador de moral
Ninguem queira ouvir sermões,
Que se elle tem boas falas,
Não tem boas intenções.

Elles casaram por gosto,
Foi amor quem os uniu;
Depois... adeus união,
Ninguem mais juntos os viu.

A rico pode chegar
Quem for activo e honrado;
A muito rico e depressa...
Quem ponha a honra de lado.

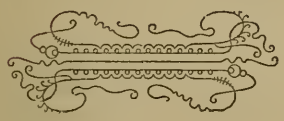
Ser pobre não é vergonha;
Pobre é muita gente boa.
Agora pobre e soberbo—
Isso é que não se perdôa.

Presta ouvidos a quem fala,
Se tambem tens que dizer. —
Quem ouvir sabe a preceito,
Sabe sempre responder.

Quem boa estrella não tenha,
A vida aos tombos arrasta;
Pede a Deus te dê ventura,
Que saber pouco te basta.

Nunca faças mal aos outros,
Procura só fazer bem;
Que se Deus justo premeia,
Justo castiga tambem.

Quem nos logrou uma vez
De mais logros é capaz. —
Cesteiro que um cesto fez,
Com verga e tempo cem faz.



AS QUATRO ESTAÇÕES

Bate á porta a primavera,
Recebe-a o sol á entrada,
E as andorinhas e as flores
Formam-lhe a guarda avançada.

Atraz logo segue o estio
De braço dado ao calor;
Ha pão nas eiras, ha fructos —
Louvado seja o Senhor!

Depois, com dias mais breves,
O brando outomno caminha;
De folhas despem-se as arvores,
De cachos cobre-se a vinha.

Por fim, cercado de neves,
O inverno chega sombrio;
A chuva os campos alaga,
A terra treme de frio!

II

Com chave de prata fina
Sua amante fecha el-rei;
Vem deus-milhão, abre a porta
Com chave de oiro de lei.

A chave de oiro de lei
Serve em toda a fechadura,
E resistencia a tal chave
Ou não ha ou pouco dura.

Que volte a ver o seu bem
Segreda ao moço o Amor;
Diz-lhe a Razão que não torne
No seu bem olhos a pôr.

Razão e Amor não se entendem,
São inimigos mortaes.
Sabe Razão ver melhor;
Mas pode Amor muito mais.

E' feliz, muito feliz,
Quem, vivendo na pobreza,
Passa contente os seus dias
Sem rebates de grandeza.

Nem sempre ao rico Deus quer
Dar a ventura maior;
Quantas vezes quem é pobre
E' quem sabe rir melhor!

Que vão-se embora os desgostos
E venham as alegrias!
Não vale a pena chorar,
Que a vida são só dois dias.

A vida são só dois dias—
Tão curtos, quando se gosa,
Como largos e compridos,
Quando a vida é trabalhosa.

Poupanças mal entendidas
São poupanças de avarento;
Poupa avarento um real
Para perder mais de um cento.

Ha tambem outro dizer
Que á verdade se encaminha:
Poupam muitos no farello
O que estragam na farinha.

Nada é certo n'este mundo
Onde ha tantas incertezas;
Descem ricos á miseria,
Sobem pobres ás grandezas.

Os homens, como alcatruzes,
Na vida se andam movendo;
Pois, emquanto ha uns que sobem,
Outros ha que vão descendo.

Corre branca e pura a noite,
De prata a lua parece,
Chega, entretanto, uma nuvem
Que a noite logo escurece.

Tambem a noites assim
Pode amor ser comparado —
Agora cheio de luz,
Logo de nuvens toldado.

Quando elle usava calcinhas,
Lindas moças o beijavam,
E todas muito á porfia
Trazel-o ao collo buscavam.

Mas, depois que elle usa calças—
Que mudança os tempos fazem!
As moças já o não beijam,
Ao collo já o não trazem.

Suspiram todos contentes
Ao ver de perto a ventura;
Suspiram do bem que foge,
Ao ver que o mal tanto dura.

Suspiros ao vir ao mundo
E ao sahir d'elle tambem;
Do berço á cova sómente
Suspiros a vida tem!

Mulher já cheia de rugas,
Que se lembra de affeições,
Mostra não ver que os seus annos
Lhe negam taes distracções.

Quando as rugas apparecem,
Cede a ternura á razão;
A cabeça é quem governa,
Obedece o coração.

Duas coisas exquisitas
Ha muito tempo se notam:
Ver padres prégar moral
Que para si não adoptam;

E ver illustres doutores
Receitar ingredientes,
Que elles nunca tomariam,
Se elles fossem os doentes.

Os artistas de theatro
Só de noite representam;
Os que existem cá por fóra
Nunca da scena se ausentam.

Que este mundo é como um palco
De vistosos bastidores,
Onde aquelles que nos logram
São sempre grandes actores.

Se os moços a perseguiam,
Tentando por bem rendel-a,
De todos ria a pequena,
Fiada na sua estrella.

Ao que mais a perseguiu,
Cedeu por fim a pequena—
Estrellas não ha que prestem,
Quando amor é quem ordena.

Lá vem chegando o Natal,
Tocam alegres os sinos,
E, em honra do Deus menino,
Que festa para os meninos!

Mas o Natal chega sempre
Quando o frio ninguem poupa;
E se ha em festa meninos,
Outros ha sem pão nem roupa!

O vento sopra com força
Em horas de temporal;
Depois lá vem a bonança,
E o vento abranda afinal.

Homens que a ira abalou
Imagem do vento são;
Mas sirva, para abrandal-os,
A bonança da razão.

Os destinos entre os homens
Andam ás vezes trocados;
Quantos amos vemos nós
Que deviam ser creados!

E tambem quantos creados
Que, por dotes bem subidos,
Em vez de andarem servindo,
Só deviam ser servidos.

Muitos affirmam que o tempo
A correr não tem rival;
Que até se vive e se morre
Sem quasi se dar por tal.

Mas, se apparece um revez,
D'estes que fazem doer,
Logo então se diz que o tempo
E' muito lento a correr.

Quem, amando, não soffreu,
Desconhece o que é amor.
Amor, quanto mais leal,
Mais sujeito elle é á dôr.

E assim deve acontecer;
Pois, n'esta vida tão dura,
A dôr é que dá realce
Aos instantes de ventura.

Quantas vezes a mulher
Bem dedicada nos é,
E nós somos infelizes,
Por n'ella não termos fé!

E quantas vezes tambem,
Porque n'ella confiâmos,
Não vemos suas traições,
E felizes nos julgâmos!

Bocca linda marcou sempre
Do céo as variações:
Amoravel — diz bonança;
Franzida — chuva e trovões.

E se ella no mesmo dia
Está franzida, amoravel —
Serve isso então a dizer
Que anda o tempo variavel.

Se a vaidade empurra o velho
Para as lides de rapaz,
Acuda a dizer-lhe o espelho
Que veja bem o que faz.

Velho, que a cara coberta
Já tem de pés de gallinha,
Pense na morte que é certa
E que a correr se avisinha.

Mulher, jurando constancia
Logo que o dia começa,
E' mulher para esquecer
As suas juras depressa.

Juras pode até fazel-as
Por acenos quem não fala.
Jurar constancia não custa —
O que mais custa é guardal-a.

Moça linda tem por tia
Velha que é mal encarada;
Moço que á moça quer bem
Da tia não gosta nada.

Mas sempre que a tia encontra,
Lança-lhe amigos olhares —
E' só por causa dos santos
Que se beijam os altares.

Recebeu a féria ao sabbado
E, tendo mulher e filhos,
Gasta a féria na taberna
A beber vinho aos quartilhos

Depois de muito beber,
Na rua tropeça e cae —
Quem rouba o pão á familia
E' mau marido e mau pae.

Mulher muito arrebicada,
Sempre em casa da modista,
Não é mulher de governo,
E' mulher só para vista.

E quando ás modas tambem
Junta a prenda de fingir —
Então é mulher de quem
Há razões para fugir.

Quem passa a vida chorando
Nunca seu mal remedeia,
Que o choro faz mal á vista,
Torna a cara muito feia.

E, se foi amor ingrato
Que a tal choro deu logar,
N'esse caso, quem mais chora,
Menos devêra chorar.

S. Pedro, sendo bom santo,
Tres vezes nega ao Senhor.
Muitos sabios tambem negam
Que haja constancia em amor.

Tal constancia, ao que parece,
E' coisa que não existe.
Quem de constante se gaba
A's tentações não resiste.

Bonita moça que a todos
Mostra os dentes n'um sorriso,
Se mostra que tem bons dentes,
Não mostra que tem juizo.

E aquella, que a muitos cede
Ternuras do coração,
Lembra pia de agua benta
Onde qualquer mette a mão.

Emquanto muito se amaram,
Se leve achaque elle tinha,
Ella apressada lhe dava
Doces caldos de farinha.

Agora que amor se foi,
Foram-se os caldos tambem;
Pode elle estar a morrer,
Que novos caldos não tem.

Quando a certa viuvinha
De amor o moço falava,
Ella com pêjo o retrato
Do seu defuncto occultava.

O tempo foi abrandando
Tanto excesso de recato;
Se de amor fala hoje o moço,
Já não se occulta o retrato.

Ver corcunda de manhã,
De manhã um torto ver,
Passa por coisa de enguiço
Que damno pode fazer.

Historias da carochinha!
Que um corcunda, um torto viu
Certo moço na manhã
Em que a sorte lhe acudiu.

Rico vaidoso não presta,
Não ajuda quem é pobre;
Que riqueza com vaidade
Só de coisas vãs se cobre.

Rico vaidoso só dá
Quando toda a gente o vê;
Em segredo, aos infelizes
Ninguem sabe que elle dê.

Quiz a moça ter um lenço
Na feira do mez de agosto;
E um lenço o moço comprou
Que á moça deu muito gosto.

Por signal de apartamento
Se toma lenço que é dado.—
Teve o moço d'isso a prova,
Antes de agosto acabado.

Todos sabem que a mulher
Nunca fica para freira—
A mulher, feia que seja,
Acha sempre quem a queira.

O que se diz da mulher,
Dos homens dizer-se póde:
E' ás vezes aos mais feios
Que a fortuna mais acode.

Tinham-se amado no tempo
De uma invejavel edade;
N'um tempo que mais não volta,
No tempo da mocidade.

Quando velhos eram ambos,
Tornaram a ver-se um dia.
Ai! santo Deus, que mudança! —
Já nenhum se conhecia!

Ella buscou outro amor
Que tinha mais para dar.
Foi-se atraz de lucros certos —
Caso não é de extranhar.

Caso não é de extranhar;
Muitas moças assim ha,
Que fazem do coração
Bandeja de quem mais dá.

Vôa a gaivota rasteira,
Pondo nas aguas o olhar,
Para de chofre e certeira
O peixe incauto fisgar.

Meninas moças e bellas,
D'este caso tomae nota;
Cercae-vos de mil cautellas,
Vêde o que faz a gaivota.

Affirmam varias pessoas
Que da vida os curtos dias
São tão ricos de desgostos,
Como pobres de alegrias.

Apezar d'essa verdade
Ser de todos conhecida,
Desgostos vão-se aturando,
E ninguem quer mal á vida.

Ser captivo é uma pena
Cercada de muita dor;
Mas quantos, quantos captivos
Existem só por amor!

Para os que amor captivou
Com seu laço traiçoeiro,
Dizem ser bem desejado
Viver em tal captiveiro.

Nos papeis e nas gazetas
Os pequenos defendia,
E dos grandes cá da terra
Mil feias coisas dizia.

Chega-lhe a vez de trepar,
Devido á sua finura,
Esquece logo os pequenos,
Sómente os grandes procura.

Quando o sol chega ao poente,
Diz-se adeus a mais um dia;
A terra fica de lucto,
Vae-se a luz que o céo cobria.

Quando amor chega a seu termo,
Vão-se tambem as ternuras;
Perde o peito a luz que tinha,
O peito fica ás escuras.

Quando um beijo te pedirem,
Vê lá bem que vaes fazer;
Moça que um beijo cedeu,
Muitos mais tem que ceder.

Os que só pedem um beijo
Alargam-se e pedem dois,
Pedem tres, e quatro e cinco...
Sabe Deus que mais depois.

Este diz coisas de acerto,
E' discreto em seu falar,
Muito honrado e serviçal;
Mas nunca soube agradar.

Aquelle, sem nenhum prestimo,
De todos é estimado—
Vale mais cahir em graça
Do que ser muito engraçado.

Chato de todo em idéas
Mas em manhas amestrado,
Com suas manhas alcança
Um logar de deputado.

E, mal se encontra servido,
Em vez da patria servir,
Busca fazer do logar
Um degrau para subir.

Se é feliz quem tem amores,
Se tel-os se julga um bem,
E' mais feliz com certeza,
Mais feliz quem os não tem.

Mais feliz quem os não tem,
Dizem homens de saber;
Que bons que sejam amores,
Dão mais pena que prazer.

Casou velha rica e tola
Com moço de pouca edade;
Elle cedeu ao interesse,
Ella cedeu á vaidade.

Depois de tudo gastarem,
Mal um anno ia acabado,
Ella estava arrependida,
E o moço bem castigado.

Parecem poucos os pratos
Quando se tem muita fome;
Mas, depois de alguns servidos,
Mal dos outros já se come.

Amor que não enraiza
Fica tambem farto em breve:
Começa cheio de fogo,
Acaba frio de neve.

Dentro do peito o rapaz
Tinha a minal-o a Saudade;
Que, onde a Saudade chegou,
Foi-se de rir a vontade.

N'isto o rapaz sente um dia
Em si alegre mudança. —
Era a Saudade enxotada
Do peito pela Esperança.

De varias combinações
Que fez um sabio importante,
Provou elle ser o amor
Ao vinho bem semelhante:

Tomado em dóses pequenas,
Dá calor ao coração;
Em dóses grandes tomado,
Faz perder logo a razão.

Contra os rigores do inverno
Sempre de abafos cercado,
Tanto o que é rico resiste,
Como o que é remediado.

Mas o pobre sem abafos
Resiste de egual feitio. —
Isto mostra que dá Deus
A roupa conforme o frio.

Se pretendes ter saude
Poupa o que tens na botica;
D'essa loja quem se serve,
Se estava mal, peor fica.

Os que sempre andam contentes
Cheios de vida e conforto,
A's garrafadas preferem
Garrafas de velho Porto.

Alguem, a velhos amores
Que tinha no coração,
Quiz juntar novos amores
Para maior distracção.

Velhos e novos se foram
Ao saberem da traição.
Quem tudo quer, tudo perde —
Foi merecida a lição.

Com certos preparatorios
Mais alguns annos de estudo,
Um doutor em medicina
Fica prompto a curar tudo.

E, se bem que elle se julgue
De curar tudo capaz,
São sempre mais os doentes
Que as curas que o doutor faz.

Fingia ter pelo amante
Uma paixão sobrehumana;
Era d'aquellas que dizem:
«Teu amor e uma cabana!»

Mas, ao ver que a vida conta
Seus momentos apertados,
Trocou amor e cabana
Por vestidos e toucados.

A loira mostra na pelle
Da lua cheia a brancura,
E nos cabellos a côr
De uma seara madura.

Mas a linda moreninha...
De tantas graças que tem,
Basta a graça do olhar
Para a todos prender bem.

De dia, corre as egrejas
E reza aos santos do altar;
De noite, vae surrateiro
O pé ás santas beijar.

O pé ás santas beijar
E' gostosa occupação.
Mas, se beija o pé ás santas,
Não finja de santarrão.

Um rapaz apaixonado,
Em amor muito constante,
Chorava, cheio de mágoa,
As traições da sua amante.

Diz-lhe uma velha matreira:
— Deita ao largo o coração,
Que do cão as feridas cura
O pêlo do mesmo cão.

Se o jardineiro se ausenta,
Lá seccam de todo as flores —
Ausencias entre os amantes
Seccam tambem os amores.

E ninguem se julgue em termos
D'esta regra desmentir;
Que um amor, depois de secco
Nunca mais torna a florir.

Sujeito que, sendo pobre,
Anda vestido á peralta,
Se tem de sobra impostura,
De siso tem muita falta.

Os de bolsa recheada
E' que podem vestir bem;
Os pobres — esses que vistam,
Segundo as posses que têm.

Sejam embora os ingratos
Mais que as areias no mar,
A quem fôr bater-te á porta
Nunca deixes de ajudar.

Que se confesse obrigado
Talvez não tenhas ninguem;
Inda assim não desanimes —
Faze o bem sem ver a quem.

Moça, que ouvindo uma graça,
D'ella se ri sem córar,
E' moça de alma lavada,
Que não deseja enganar.

Moça, que ouvindo uma graça,
D'ella se mostra agastada,
E' moça mais que fingida,
E' moça dissimulada.

Capitalista de fama,
Tem palacios e jardins,
Carruagens e lacaios,
Dá banquetes e festins.

Com as cifras e milhões
Faz jogos de Malabar,
E d'este modo consegue
Poeira aos olhos deitar.

Em senhoras apontadas
Pela sua honestidade,
Muito havia a rebater,
Se se soubesse a verdade.

Muito havia a rebater,
Que muitas são peccadoras;
Mas a verdade se esconde,
Que assim convém ás senhoras.

Não traves luctas de amor
Se em boa paz viver queres,
Que n'essas luctas quem vence
São quasi sempre as mulheres.

Nem causa espanto que vençam,
Pois, com suas munições,
Ellas a meio da lucta
Prendem logo os corações.

Em moço, com muitas moças
Tudo que tinha gastou;
Ficaram ricas as moças,
Sem um *chavo* elle ficou.

Como á tola da cigarra,
Foi-se-lhe o tempo em cantigas;
E, se muito elle mirrou,
Engordaram as formigas.

Em quarto muito sombrio
Finou-se um velho cebento;
Rico de bens da fortuna,
Foi na vida um avarento.

A dobrar por morte d'elle
Não se ouviram os sineiros;
Mas, á vista de seus bens,
Que festa para os herdeiros!

N'este mundo conhecido
Por ser mundo enganador,
Muitas vezes paga o justo
Em logar do peccador.

E, se bem que a Providencia
Deva o justo proteger,
Fica a rir-se o peccador
E o justo fica a gemer.

Nenhum homem pode haver,
Por mais feliz que elle seja,
Que a vontade satisfaça
Em tudo quanto deseja.

Se a regra tem excepção,
E' a favor da mulher,
Que só ella, quasi sempre,
Pode fazer o que quer.

Houve um santo virtuoso
Que era em curas um primor;
Só não tinha em suas drogas
Remedios contra o amor.

Remedios d'essa virtude
Não são faceis de encontrar,
Pois amor ri-se de quem
Seus golpes tenta curar.

Se a fé ampara os fieis,
Se é dos bons a caridade,
Só a esperança pertence
A quem ama de vontade.

Quem amante bem confia,
Quem de amante se não cança,
Pode perder muita coisa,
Que nunca perde a esperança.

Ao começo de se amarem
Ella só queria uma flôr,
Dizendo que outras lembranças
Offendiam seu pudor.

Mas, notando que uma flôr
Dentro em pouco desmerece,
Lá foi pedindo ao amante
Que tambem joias lhe desse.

Mulher má, que nunca soube
Ter affectos nem ternuras,
Em geral encontra um homem
Que lhe dá muitas venturas.

Mulher boa e dedicada,
Toda affectos e ternuras,
Cae então nas mãos de um homem
Que lhe dá só amarguras.

Foram-se as rolas em busca
De comida para os ninhos,
Vae o caçador matou-as,
Ai! pobres dos passarinhos!

Como os pobres passarinhos,
Quantas creanças tambem,
Que vivem já sem carinhos
Por terem perdido a mãe!

Chega o dia de finados,
Ouvem-se os sinos dobrar;
Entremos no cemiterio
Por nossos paes a rezar.

Rezemos por nossos paes,
Rezemos com devoção,
Que amigos como elles foram
Nunca os filhos mais terão.

Quando se ouvirem na rua
Os cegos apregoar:
— Folhinhas ou almanachs —
Um anno vae acabar.

E, se vae um acabar,
Outro vem logo em seguida;
Que os annos são no andar
Imagem da nossa vida.

A boa da cadellinha...
Nada a pode consolar!
Anda magra e sem comer,
E não faz senão uivar.

Mataram-lhe os cachorritos —
D'ahi vem todo o seu mal.
Amor de mãe pode muito,
Mesmo em peito de animal.

Era o moço muito alegre,
Muito amigo de brincar;
Forte e sadio, era moço
Para moças contentar.

Casou o moço, e depois
Perdeu saude, alegria.
E' que a mãe da sua noiva
Foi fazer-lhe companhia.

Elle á moça pede um beijo,
Um simples beijo na face;
Vae ella responde ao moço
Que em tal beijo não pensasse.

Mas o moço tanto pede,
Que um beijo tem por favor —
E' assim que principiam
Os tiroteios de amor.

Durante os annos de vida
Que por cá teve o marido,
O bom do pobre do homem
Pela mulher foi trahido.

Elle morre — eis a viuva,
Toda mágoa e contricção —
São missas pelo finado,
Corôas sobre o caixão!

Em solteiro tinha fama
De arrogante e de tyranno;
A dar ordens, a gritar,
Passava os mezes do anno.

Em casado mudou tanto
Que ninguem já o percebe;
Não dá ordens — isso sim! —
E' elle quem as recebe.

Certo moço ouviu no peito
O coração traquinar,
A pedir-lhe que o deixasse
O puro amor procurar.

Foi despachado o pedido.
O coração viajou;
Mas, depois de se cançar,
O puro amor não achou.

Os beijos mudam na vida,
Segundo muda a edade;
Na velhice não ha beijos,
Como os ha na mocidade.

Beijos dados entre moços
Querem dizer affeição;
Sómente dizem respeito
Beijos que em velhos se dão.

Em rapaz ria-se muito
Da devoção dos fieis,
E dizia mal dos padres
Em seus chochos aranzeis.

O tempo, que tudo gasta,
Fel-o mudar com a edade.
Agora... sermões e missas,
Até juiz de irmandade!

Entre dois moços guapos,
Busca a moça manobrar;
Se fala a um com ternura,
Terna ao outro vae falar.

Mas, ao cabo de algum tempo
D'esta partida dobrada,
Os moços viram o logro,
E foi a moça a lograda.

Morreu um pobre operario,
Já não recebe mais féria;
Por morte d'elle, a familia
Ficou toda na miseria!

Morreu tambem um ricaço,
Deixou aos seus um milhão.—
Foram boas sempre as lagrimas
Choradas com muito pão!

Se um dia o moço a deixasse,
Cançado de tanto amor,
Jurava a moça matar-se
Como allivio á sua dor.

O dia d'elle a deixar—
Esse tal dia chegou;
Mas a verdade tambem
Foi que ella não se matou.

Ha casadinha com filhos
— Filhos quasi de bigode —
Que inda falta aos seus deveres
Tantas vezes quantas pode.

Casadinha que a viver
De tal maneira se presta,
E' vergonha na familia,
E' borrão na gente honesta.

Quasi sempre n'este mundo
Andam todos ás escuras,
Sendo, por falta de luzes,
Que se cae nas desventuras.

Mas chega o dia da morte —
Esse dia triste e serio,
E todos são conduzidos
Com luzes ao cemiterio!

Quem das moças desejar
Prender bem o coração,
Affirme ter mais amores
Do que cifras um milhão.

Que o mostrar ser requèstado,
Fingir paixões sem limites,
E' mostarda que nas moças
Muito aguça os appetites.

De febres morre o marido,
E a pobre da viuvita
Fica-lhe a morte a chorar
Mezes e mezes afflicta.

Depois abranda a saudade,
Começa a dôr a sarar,
E a pobre da viuvita,
Eil-a que torna a casar.

Mal o sol rompe no céo
Com suas luzes doiradas,
As sombras da noite escura
Fogem do sol assustadas.

Com taes sombras se parecem
Gatunos e namorados —
Mal rompe o sol, todos elles
Fogem do sol assustados.

Em paizes da Moirama
Certo sultão governava,
Que em festins, harens, viagens,
O thesoiro esvasiava.

E taes milhões de piastras
Foi gastando o sultão moiro,
Que, no dia em que morreu,
Deixou vasío o thesoiro.

Uma velha de alta roda
Emprega certo elixir,
Com que busca tolamente
As suas brancas tingir.

As velhas devem ser velhas,
Esquivar-se á garridice,
Que a côr branca do cabello
E' adorno da velhice.

Mulher casada com homem
De saber muito falado,
Se resvala em ter amante,
Escolhe um asno chapado.

E, quando seja o marido
Homem de finas maneiras,
Então o amante, é sabido,
Fala como as regateiras.

E' triste coisa a cegueira,
E' triste cego nascer,
Passar os dias da vida
Por esse mundo sem ver.

Mas ha cegueira maior,
Cegueira mais deshumana,
A cegueira que nos faz
Estimar quem nos engana.

Os que ao jogo não têm sorte,
Juram as cartas deixar,
Para, no fim de alguns dias,
Tornarem logo a jogar.

Os que em amor são trahidos,
Juram fugir ás amantes;
Mas tambem, dias depois,
Eil-os mais presos que d'antes.

Se o moço fala ás bonitas,
Todas lhe mostram enfado;
Se entre as feias se demora,
Fervem-lhe as provas de agrado.

A' vista de tal azar,
Pode elle dizer tambem:
Quem eu quero, não me quer,
Quem me quer, não me convém.

Moça pobre, quando casa,
Da solteira perde a graça;
E, se pobre vive sempre,
Da cêpa torta não passa.

Moça pobre, assim casada,
Deve ao padeiro e na tenda;
E, se tantos vivem ricos,
Ella seus filhos remenda!

Nasce o rio e mal se vê,
Depois cresce de repente;
Amor tambem, mal que nasce,
Alastra como a corrente.

Alastra como a corrente,
Causa ruinas, estragos,
E deixa tristes lembranças
Em troca dos seus affagos.

Palavras são como as cerejas;
Mal a primeira encetada,
As outras vão a seguir,
As outras vão de enfiada.

O mesmo tambem aos beijos
Acontece de ordinario:
Atraz de uns outros vão logo
Como contas de rosario.

Nas romarias da vida
Quem mais anda aos solavancos,
Perde forças e saude,
Ganha só cabellos brancos.

Ganha só cabellos brancos
Que não quizera ganhar;
Saude e forças perdidas—
Essas não torna a cobrar.

Uma tormenta em que os raios
Caiam do céo em cardume,
Não é tormenta que eguale
As tormentas do ciume.

Tormentas do céo amainam
Quando o céo desannuvia;
As outras—as do ciume—
Atormentam noite e dia.

Passar os dias ao lado
De um amor que se crê certo,
E', assim como quem diz,
Ter na terra um céo aberto.

Mas d'esse bem ser privado,
Ao tal amor não falar,
Em vez de céo é inferno,
Que muito deve custar.

Nunca a nossa mãe commum
Teria a maçã mordido,
Se Deus lhe não prohibisse
De pôr n'ella o seu sentido.

E, desde que Eva tal fez,
O doce fructo prohibido
Entre os fructos ficou sendo
Fructo muito appetecido.

A' moça o moço pedia,
Como prova de bondade,
Que, ao deixar ella de amal-o,
Não lhe negasse amisade.

E a moça então prometia
Um amor de eternidade. —
Passados iam dois mezes:
Nem amor nem amisade!

Mulher pobre, que o trabalho
Busca muito dedicada,
Por excesso de trabalho
Morre ás vezes esfalfada.

Mulher pobre, que o trabalho
Deixa por vinho ou genebra,
Essa não morre esfalfada,
Que vaso ruim não quebra.

De humildes paes, chega a ser
Com astucia rico e nobre;
Depois esquece a familia,
Finge não ver quem é pobre.

E, sempre que a todos fala,
Tem soberbas de villão —
Que villões, feitos senhores,
Mostram de prompto o que são.

Se o moço topa na fonte
A moça o cantaro a encher,
Por gostar de vel-a, o moço
Finge sêde para a ver.

E, pondo o cantaro á bocca,
Sem ter pressa vae bebendo;
Pois, quanto mais se demora,
Mais elle a moça está vendo.

Quem não sente, se não soffre,
Não pode gosar tambem,
Que, se o sentir é um mal,
Ao mesmo tempo é um bem.

O não sentir é andar,
Se bem que vivo, a morrer;
Tratemos pois de sentir,
Já que o sentir é viver.

Mal começa a madrugada,
Mal se vê luzir o dia,
Sente o moço na saccada
Poisar uma cotovia.

E a cotovia, ao romper
O seu cantar amoroso,
Parece ao moço dizer:
— Anda, acima, preguiçoso!

REMOQUES

I

Fez-se um medico agiota!
Grande pasmo entre os viventes.
Que desgraça para os pobres!
Que allivio para os doentes!

Anda o Jasmim desejoso
De se casar com a Rosa.
Se os dois chegam a casar-se,
Que geração tão cheirosa!

Teu amor faz contrabando,
Não segue a estrada real;
Tem cuidado elle não caia
Nas mãos da guarda fiscal.

A' mulher de um seu amigo
Faz de amor declarações.
Amigos, diz o dictado,
São para as occasiões.

Se dos teus olhos, menina,
A luz brilhante me dás,
Ficarei tendo mais luz
Que muitos bicos de gaz.

— Casar! grita a solteirona,
— D'esse mal Deus me proteja!
E anda a ver se, para noivo,
Apanha um velho que seja.

Que triste foi a paixão
Do bom e meigo Jesus!
Inda assim, crucificado,
Da sogra não teve a cruz.

Andando ha muito a seguir-te,
Vejo os meus passos baldados.
Ao menos, paga-me as solas,
Por tantos passos andados!

Quem o descanço inventou
Dizem que estar no céo ha de.—
Pessoa que isto espalhou
Tinha costella de frade.

Diz soccorrer a pobreza
Com devoção e carinho,
Pede-lhe um pobre, e responde:
— Tenha paciencia, irmãozinho.

— Comer carne á sexta feira...
— Isso por modo nenhum!
E lá em casa o prior
Nunca respeita o jejum.

Não te enfeites para amar
Com essa cara, mulher;
Que o que se quer tu não tens,
E o que tu tens ninguem quer.

Ao senhorio que augmenta
As rendas sem dó nem tino,
Faça Deus perder os predios,
Faça Deus ser inquilino.

Financeiro que apregôa
Seus projectos salvadores,
Lembra dentista de feira
Que tira dentes sem dores.

Jaz na cama um avarento,
Cobre-o da morte o suor;
Mas, para poupar remedios,
Affirma que vae melhor.

—O peccado, meus irmãos,
—É obra de Satanaz!...
E quem tal diz vae peccando—
Bem o préga frei Thomaz!

Teve um ar um intrigante,
Os olhos ja arregala!
Se d'esta vez inda escapa,
Que fique ao menos sem fala.

Homem, que ao pé das mulheres
Acanhado mostra ser,
Traga na cinta uma roca,
Não queira barbas trazer.

Juntou-se a fraude á virtude
Para alliança formar;
Ficou lograda a virtude
Por não saber enganar.

Em dia de festa rija
Faz uma despesa louca--
Nos dias que se lhe seguem
Faz então cruzes na bocca.

Ao dar-te um beijo, disseste
Nunca dar beijos de graça;
Pois, meu bem, põe taboleta,
Para aviso de quem passa.

Promettes muito, menina,
Mas cumprir... isso é que não.
Com tal systema pareces
Deputado da nação.

A falar é mel e cerejas
E ri a cada momento;
Mas é rindo que elle apanha
De juros trinta por cento.

Antes de amar, o rapaz
Andava gordo e córado;
Depois que deu em amar...
Parece um figo passado.

Pela lingua morre o peixe,
Ninguem lhe inveje tal morte.
Tu tambem, por linguareira,
Devias ter egual sorte.

Na presença do papá,
A menina é mosca morta;
Vira costas o papá,
Ao namoro ella abre a porta.

Primeiro amor infeliz;
Segundo como o primeiro.
Se de novo tenta a sorte,
Sae-lhe infeliz o terceiro.

De um traço de penna, o medico
Mais que o juiz corta fundo:
Este manda p'ra a cadeia,
Aquelle p'ra o outro mundo.

A tolerancia é virtude
Que em todos assenta bem;
Não vão pedil-a aos devotos —
Ninguem dá o que não tem.

Passa vida regalada,
Só passeia a grande trote;
Mas, se faz muita figura,
Faz tambem muito calote.

Peralvilho que se gaba
De fidalgas seduzir,
O que seduz, quando muito,
São creadas de servir.

Promette a estas casar,
Jura áquellas affeição;
E é sempre assim que das moças
Prende o melro o coração.

Não ha de o mundo acabar
Por falta de casamentos,
Que, de noite, pelas ruas
Os namoros são aos centos.

Parece pimpão de feira,
Olha a todos de revés;
Se um pequeno lhe respinga,
Foge logo a sete pés.

Por saudades do seu bem,
Arde em febre e cae na cama;
Deita bichas, põe-se a caldos —
Muito padece quem ama!

Apanhaste rosa aberta
Por uma rosa em botão!
A culpa foi tua só —
Prestasses mais attenção.

No priminho te fiaste,
Passando tu por ladina! —
Agora chora na cama
Que é parte quente, menina.

Diz que traz toda a justiça
Fechada na sua mão;
E' preso — vae o basofio
Passa mezes na prisão!

Ao seu amante abre a porta,
Mal do marido liberta.
Que desleal concorrencia
A's que são de porta aberta!

Se da cabeça tirasses
As farripas que lá pões,
Ficava a tua cabeça
Mais lisa que alguns melões.

Com a cara pintadinha
De branco e fino alvaiade,
És como a frente caiada
De uma casa da cidade.

Todos te gabam os olhos
Por serem muito rasgados;
Eu por mim gabo o pincel
Com que elles foram pintados.

Um nariz d'essa grandeza
Vence as sete maravilhas.
Tal nariz, posto em Belem,
Chega a ver-se de Cacilhas!

Ventas assim lembram logo
As cavernas de um navio;
Qualquer d'ellas, se as medissem,
Dava em largura o Rocio.

De faltas de ar está livre
Quem essa bocca possúa;
Tu não tens bocca de gente,
Tens a bocca de uma rua.

Teus beiços, da côr de ginjas,
Que bonitos que elles são!
Que pena ser essa côr
Toda feita a vermelhão!

As tuas mãos são tamanhas,
Que, em dias de sol bem quente,
Postas em guisa de alpendre,
Livram do sol toda a gente.

Teu pé que trazes em talas
Espanta pela grandeza;
Não é um pé, são seis pés —
Que tantos marca a toeza.

Em altura, um quarto andar
Exceder deves de certo;
Tem de pôr-se n'umas andas
Quem te queira ver de perto.

De figura tão pequena
Podes crer que ninguem é;
Se trouxesses fatos curtos,
Passarias por bébé.

Um corpo d'essa gordura
Não consta que haja existido;
Um corpo tal, ao mover-se,
Deixa o transito impedido.

De tão esguia magreza
Pareces mesmo um florete;
Se te apanha uma nortada
Vaes ao ar como um foguete!

II

Eu vou abrir uma loja,
Destinada a vender ligas,
Em que tenha por freguezas
Só bonitas raparigas.

E, de ligas muitos pares
Eu darei ás raparigas,
Se ellas deixarem que veja
Como lhes ficam as ligas.

O folgazão do tio Braz
A beber é um portento,
E os dias passa a beber
Sem descançar um momento.

«Toma juizo» lhe dizem
Amigos pelo caminho.
— Tomar juizo? responde
— E' bem melhor tomar vinho.

O meu bem nas suas cartas
Costuma deitar borrões;
Mas os borrões são das cartas
Os mais pequenos senões.

O meu bem nas suas cartas
Faz coisas como não ha:
Escreve beijo com V,
Escreve amor com H.

Muito alegre e satisfeito,
A mim mesmo promettia
Rir-me sempre da má sorte,
Viver só para a folia.

Que rematada tolice
Foi a promessa que fiz!
Veiu amor bater-me á porta,
Passei a ser infeliz.

Os teus retratos, menina,
Já correm por tanta mão,
Que até lembram os retratos
De algum alto figurão.

Suppondo cada retrato
Que a seu namoro foi dado,
Talvez mais de cem namoros
Tu já tenhas ajuntado.

Prometteste de me dar
Uma gravata de gosto;
E, desde então, na promessa
Trago o meu sentido posto.

Mas corre o tempo e a gravata
Ainda não houve quem visse;
Talvez me chegue a gravata
Quando me chegue a velhice.

Sempre muito embonecado,
No vestir é um liró;
Camisa de fino linho,
Luneta de um vidro só;

Chapéo de seda lustrosa,
Bota muito afiambrada;
Tirem-lhe a capa de fóra —
Por dentro não acham nada.

Não sabe o mano qual é
Da velha mana o segredo,
Que as feias brancas se afastam
Da velha mana com medo.

Pudesse o mano attentar
Nos pêlos da velha mana,
Que veria os pêlos tintos
Com agua circassiana.

Quando me viste negar-te
As joias que me pedias,
Respondeste que córavas
Das minhas sovinarias.

Menina, por mim não córes,
Que te pode isso affrontar;
Córa por ti, que te sobram
Motivos para córar.

Ella botou-me cartinha
Pendurada n'um cordel.
Mas, como estava a chover,
Molhou-se todo o papel.

Não pude pois soletrar
A cartinha do derriço;
E não sei se perdi muito,
Se ganhei muito com isso.

Tu dizes que o teu amor
Excede o meu em desvello,
E que é em seus alicerces
Tão firme como um castello.

Tão firme como um castello...
Tem graça a comparação!
Só se o castello é de cartas
Que um sôpro deita no chão.

Se no principio do mundo,
Tirado por Deus do nada,
Contra Deus peccou Adão,
Foi Eva d'isso a culpada.

E, dês que tal succedeu,
As filhas de Eva é que são
Quem faz cá por este mundo
Peccar os filhos de Adão.

Quando eu morrer raladinho
Do mal que tu me fizeste,
Manda-me pôr sobre a cova
Um verde e triste cipreste.

Pois já, menina, que em vida
Nenhum affecto me deste,
Mostra, depois de eu morrer,
Que podes dar-me um cipreste.

Ao saber que te ausentavas,
Vi-me tão atrapalhado,
Que obriguei o coração
A deitar lucto pesado.

Mas como, depois de ausente,
Pouco em mim tenhas pensado,
Já mandei ao coração
Deitar lucto alliviado.

Lá para as chammas que ateia
O deus amor traiçoeiro,
Não serve tocar a fogo,
Nem mandar vir o bombeiro.

Que ha pouco tempo um bombeiro
Em casa que ardia entrou,
E, salvando uma pequena,
Fez um fogo, outro apagou.

Moça em noites de relento
Deixe a moços de falar,
Pois o relento das noites
Pode a moça constipar.

Amor gosta de dar ais,
Amor vive a suspirar,
O que não consta é que amor
Tambem viva a espirrar.

Tem sido o moço em amores
Tantas vezes enganado,
Que, em vendo saias ao longe,
Deita a fugir assustado.

E, depois de correr muito,
Só se resolve a parar,
Se lhe dizem que são saias
Postas ao sol a córar.

Moça, prestes a casar,
Ao seu noivo affirma e jura
Que será sempre constante
Nos affectos e ternura.

Mas, casada, esquece logo
Tudo que disse primeiro,
E na firma conjugal
Mette por socio um terceiro.

Visinha — sabes que mais? —
Com esses grandes bigodes
Poderás passar por homem,
Por mulher é que não podes.

E, por mais que as tuas saias
A rua quasi que tomem,
Quem a cara te vir bem,
Dirá sempre que és um homem

E's tão garrida, pretinha,
Dos enfeites cuidas tanto,
Que chegas a parecer-me
Bonequinha de pau santo.

Vou dar-te para arrebiques
Um conselho dos sensatos;
Se usam brancas pó de arroz,
Usa tu pós de sapatos.

FIM

INDICE

Pag

Carta do auctor a João de Deus 3
Carta de João de Deus..... 5
Amores, queixumes e desenganos..... 7
As quatro operações..... 60
Os nomes femininos..... 109
Fructos da experiencia. 141
As quatro estações..... 178
Remoques..... 211

ADVERTENCIA

Por descaminho de parte do original d'este livro, a composição, começada em 1895, só se concluiu em abril de 1897.

Frances Bennett
d. 3/Vale

PQ 9261 V473L9

Vidoeira, Pedro
Lyrica popular

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 01 03 001 2